

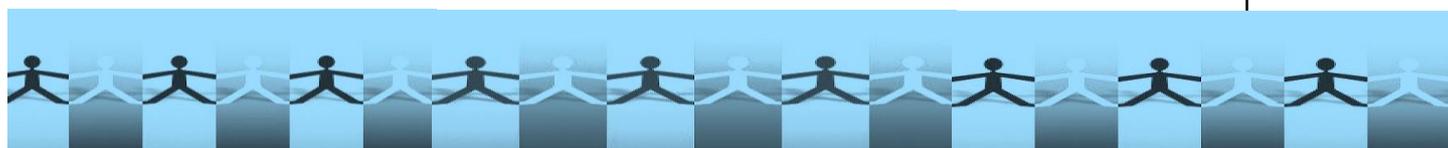
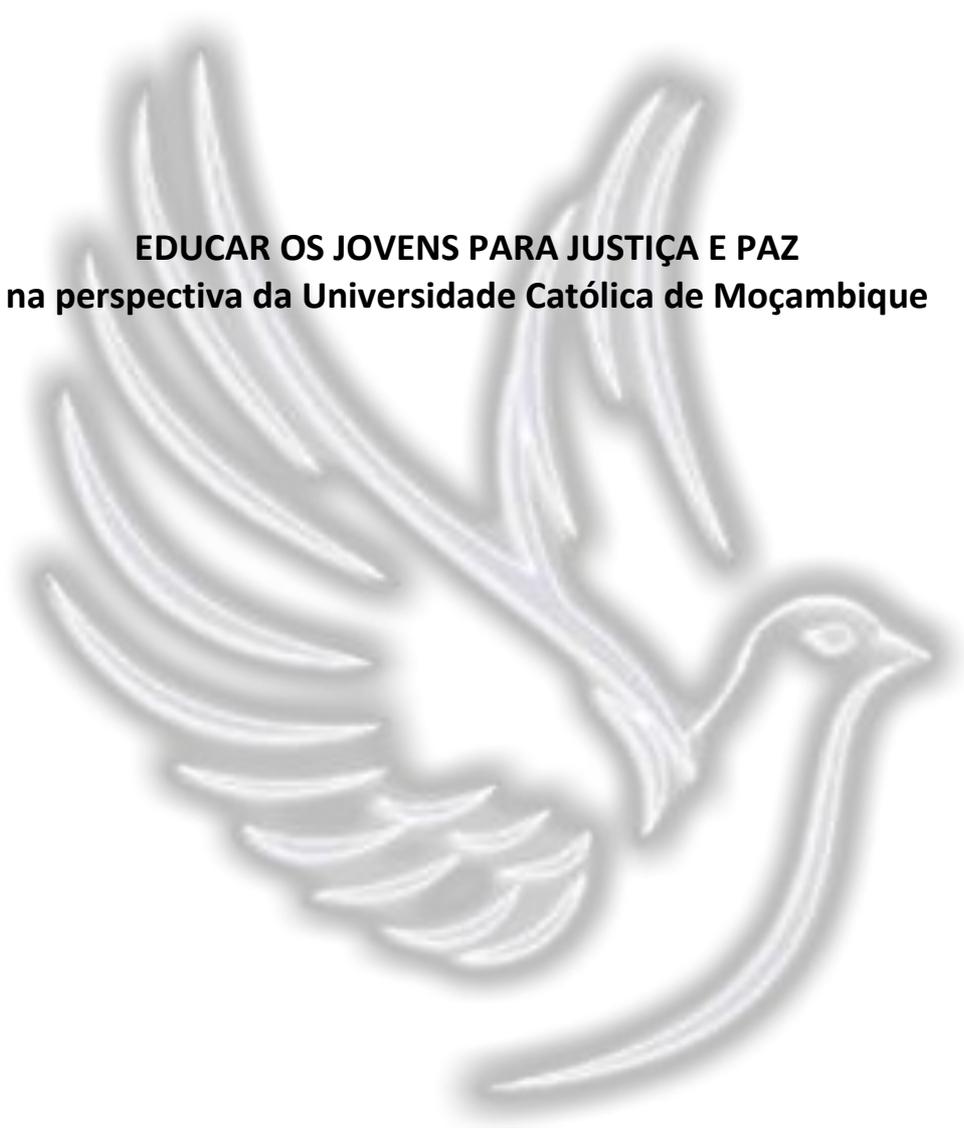
EDUCAR OS JOVENS PARA JUSTIÇA E PAZ



FIUC
Federação Internacional de
Universidades Católicas



EDUCAR OS JOVENS PARA JUSTIÇA E PAZ
na perspectiva da Universidade Católica de Moçambique



Ficha técnica

Título: Educar os Jovens para Justiça e Paz

Autores: Anna Fontana, Crisália Sabonete, Geraldo Vunguire, Helena Fanheiro, Hélio Nhary, Luís Alberto, Luísa dos Santos e Rafael Sapato.

Revisores: Anna Fontana e Manuel Ferreira

Desenhadores gráficos: Agnelo R. Silvino Bié, Alberto João Alberto, Carla D. C. Gonçalves, e Vegovito A. Mário Vegove

Editor: Centro de Investigação Santo Agostinho (CISA)
Universidade Católica de Moçambique
Faculdade de Economia e Gestão
Av. Eduardo Mondlane, 149 Ponta-Gêa
C.P 821 Beira – Moçambique
Tel: (+258) 23 32 9373/Fax: (+258) 23 32 93 76
E-mail: cisa@ucm.ac.mz

Fotografias: Arquivo da pastoral universitária da Universidade Católica de Moçambique-Faculdade de Economia e Gestão.

Impressão: UCM – Centro de Produção de Material
Beira, 2017

Patrocinador



FIUC
Federação Internacional de
Universidades Católicas



Índice

Prefácio	vii
Siglas e abreviaturas	ix
Introdução	1
A UCM	3
A missão da UCM	3
As estratégias formativas	4
A PASTORAL UNIVERSITÁRIA	5
Um breve historial da pastoral universitária	5
O conceito de pastoral universitária	5
Os actores da pastoral universitária	6
O perfil dos agentes da pastoral universitária	7
As condições de realização da pastoral universitária	8
As actividades da pastoral universitária	8
A importância da pastoral, no processo de formação	9
UMA ATENÇÃO PARTICULAR AOS JOVENS	11
O conceito de juventude	11
O perfil dos jovens	12
Orientar os jovens aos valores	13
Uma porta aberta aos valores	13
O RESPEITO	17
Introdução	18
O que se entende, com o termo respeito	18
O respeito pelos direitos humanos	19
A atitude de respeito	19
O respeito pelo meio-ambiente	20
O respeito, na Bíblia	20
O respeito pela natureza, na Bíblia	21
O respeito, na Doutrina Social da Igreja	22
Conclusão	24
O BOM RELACIONAMENTO	25
Introdução	26
O que se entende, com o termo relacionamento	27
O facto da vida	27
O bom relacionamento, na Bíblia	28
O bom relacionamento, na Doutrina Social da Igreja	29
Como poderei construir bons relacionamentos?	29
Conclusão	31



A BOA CONVIVÊNCIA	33
Introdução	34
O que se entende, com o termo convivência?	34
O facto da vida	35
A convivência, na Bíblia	36
A convivência conflituosa	36
A boa convivência	37
A convivência, na Doutrina Social da Igreja	38
Conclusão	40
A RESPONSABILIDADE	41
Introdução	42
O que se entende, com o termo responsabilidade?	42
O facto da vida	44
A responsabilidade, na Bíblia	44
A responsabilidade, na Doutrina Social da Igreja	46
Conclusão	48
A SOLIDARIEDADE	49
Introdução	50
O que se entende, com o termo solidariedade?	50
O facto da vida	50
A solidariedade remeta para a interdependência	51
A solidariedade chama à responsabilidade	52
A solidariedade, na Bíblia	53
A solidariedade, na Doutrina Social da Igreja	54
Conclusão	55
A HONESTIDADE	57
Introdução	58
O que se entende, com o termo honestidade?	58
A honestidade connosco	58
A honestidade, na vida social	59
O facto da vida	59
Honestidade e a falta dela	60
A honestidade, na Bíblia	60
A honestidade, na Doutrina Social da Igreja	61
Conclusão	61
A JUSTIÇA	63
Introdução	64
O que se entende, com o termo justiça	64
O facto da vida	65
A justiça, na Bíblia	66



A justiça, na Doutrina Social da Igreja	67
Conclusão	68
A PAZ	71
Introdução	72
Que se entende, com o termo paz	72
O facto da vida	73
A paz, na Bíblia	75
A paz, na Doutrina Social da Igreja	76
Conclusão	77
Personalidades Africanas, que receberam o Prémio Nobel da Paz	79
Dinâmicas	81
Referências bibliográficas	91





Prefácio

O presente Manual inscreve-se dentro de um Projecto de Investigação realizado pelo Centro de Investigação Santo Agostinho da Universidade Católica de Moçambique (UCM), com apoio técnico e financeiro prestado pela Federação Internacional de Universidades Católicas (FIUC).

Após a pesquisa realizada sobre o modo como os nossos estudantes (que estudam ou estudaram na UCM) percebem e vivenciam os valores éticos, cívicos e religiosos, dentro de uma matriz identitária cristã, percebeu-se que há necessidade de reforçar a componente da pastoral universitária, mormente no que diz respeito à promoção de valores inspirados, tanto na Carta dos Direitos Humanos, como no Evangelho de Jesus Cristo.

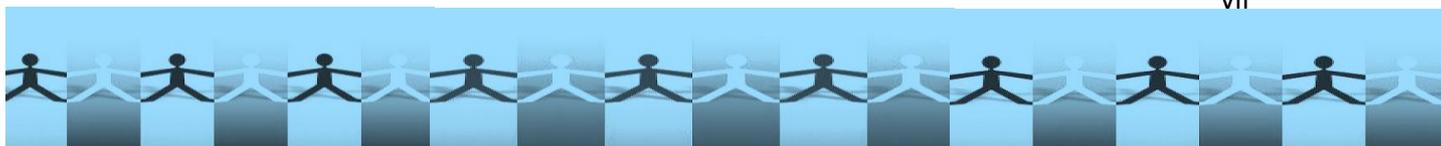
Dos principais resultados produzidos, pelo estudo, já referido atrás, percebeu-se que a dinâmica da Pastoral Universitária necessita de um plano operacional muito mais consistente, em termos conceptuais e até didáctico. Urge investir mais numa pedagogia social e comunitária, dentro da chamada educação não formal e informal, que possa ir ao encontro das necessidades psico-sociais e espirituais, para além de uma formação científica, técnica ou meramente académica.

Se não sabemos o significado do que procuramos transmitir, em termos de valores, dificilmente haverá espaço para uma apropriação reflexiva e interiorizada. A Fé, no nosso caso, Cristã alimenta-se de um diálogo permanente entre a proposta do Evangelho de Jesus Cristo e a sua recepção nas literacias culturais e sensibilidades idiossincráticas de cada contexto em particular. É neste diálogo Fé-Cultura que trabalha a Pastoral Universitária.

A UCM, como Universidade Católica, tem como missão específica formar mulheres e homens dentro de uma filosofia educativa que tenha como centro do acto pedagógico e da sua acção formativa a **Pessoa**, entendida como um todo e dentro de uma dinâmica compósita: apreender a conhecer e aprender a fazer, mas, também, apreender a ser a apreender a conviver, tendo como referente o ideal pedagógico proposto pelo Evangelho de Jesus Cristo, isto é, a Pessoa nunca pode ser *um meio*, mas um **fim em si mesmo**, independentemente da sua ideologia, da sua condição social, da sua natureza cultural, étnica ou religiosa.

Por conseguinte, este Manual vem dar resposta a esta exigência pedagógica (dentro da sua componente mais social e comunitária) sentida pelos participantes, no estudo já citado. Torna-se, assim, necessário aprofundar as implicações pedagógicas e didácticas da acção evangelizadora em contexto Universitário.

O Manual começa por dar conta dos principais resultados alcançados com o estudo realizado, que dentro da leitura que fiz, destacaria os seguintes:



- A necessidade de promover espaços de interioridade, de encontro e de partilha sobre problemáticas psico-sociais;
- A necessidade de reforçar a dinamização de momentos de debate e reflexão, em torno dos valores da paz, da justiça e da reconciliação;
- A necessidade de proporcionar espaços de espiritualidade cristã, ainda que dentro de um respeito confessional perante os outros Credos que coabitam na comunidade universitária.

Estas necessidades mostram que os nossos jovens, que frequentam a Universidade, buscam não só uma formação meramente académica, mas uma formação, diríamos nós na nossa linguagem cristã, integral e holística. Há necessidade de termos um projecto educativo e formativo que responda a esta ânsia interior que perscruta o ser humano. Na realidade, o que nos caracteriza como seres humanos, é esta busca incessante de querermos “ir mais além” e não ficarmos parados ou estagnados, achando que já atingimos a perfeição... A pedagogia do esforço diz-nos que a aprendizagem é um processo que começa desde que nascemos até que morremos. Inspirando-me nas Declarações da UNESCO, digo que a educação é um processo de aprendizagem ao longo da vida.

Esta dinâmica e visão formativas, leva-me a propor um desafio à UCM, enquanto Universidade Católica: desenhar e implementar um projecto educativo centrado no desenvolvimento de habilidades e competências que ajudem os nossos jovens e futuros profissionais a apropriarem-se desta dinâmica autormativa, ao longo da sua vida, valorizando tanto a dimensão técnica e científica, como a dimensão ética e espiritual.

Hoje, o grande desafio da educação e formação é preparar pessoas para **aprenderem a aprender** em cada contexto e dentro de uma cultura de intercâmbio à escala global, mas para isso, precisamos que a Universidade, para além de formar bons técnicos e profissionais, seja um espaço de vivência espiritual e de compromisso ético, com os valores da paz, da reconciliação e da justiça, exigência particular do nosso contexto moçambicano.

Beira, 4 Outubro 2017
Festa de S. Francisco de Assis
25º Aniversario dos Acordos de PAZ

+ Dom Cláudio Dalla Zuanna
(Magno Chanceler da UCM)



Siglas e Abreviaturas

Documentos da Igreja Católica

CDSI - Compendio da Doutrina Social da Igreja

CIC - Catecismo da Igreja Católica

EG – *Evangelii Gaudium*

Instituições

CCP - Centro de Coordenação de Pesquisa

CEM - Conferencia Episcopal de Moçambique

CISA - Centro de Investigação Santo Agostinho

FIUC - Federação Internacional de Universidades Católicas

PU - Pastoral Universitária

ONU - Organização das Nações Unidas

UCM - Universidade Católica de Moçambique

UBs - Unidades Básicas

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Livros da Bíblia

Act – Actos dos Apóstolos

Ex – Êxodo

Fl - Carta aos Filipenses

Gn – Genesis

Is – Profeta Isaiás

Jo - Evangelho de S. João

Lc - Evangelho de S. Lucas

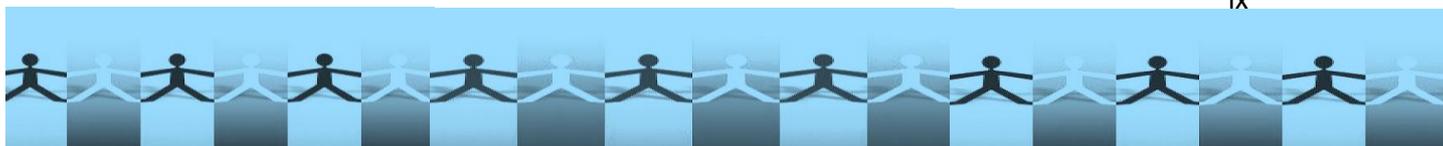
Lv – Levítico

Mt – Evangelho de S. Mateus

1 Pe – 1ª Carta de S. Pedro

Rm – Carta aos Romanos

Rt – Rute



INTRODUÇÃO

A educação, quer para as gerações de outrora, quer para as actuais e as vindouras, tem acompanhado ao homem, para ele se conhecer e aperfeiçoar, e para tornar o mundo mais valorizado e vivível.

A educação para a justiça e para a paz, duma ou doutra forma, sempre teve primazia. Porque o homem tem **consciência** de que são estes **valores** que nos proporcionam um mundo mais pacífico, mais justo e mais humano.

Ao longo dos tempos, nem sempre se manteve íntegro e aceso este propósito de ver um mundo mais pacífico e justo. Basta abriremos os olhos, para vemos quantas injustiças e atrocidades se perpetraram e se perpetram, ainda hoje, no mundo e em Moçambique.

Mas, nem por isso se deve desistir de educar para JUSTIÇA e para PAZ. Aliás, hoje, mais do que nunca, o apelo à educação para estes dois grandes valores, torna-se um imperativo e uma emergência. Pois o mundo aparenta estar altamente ameaçado pelo retorno à guerra atómica, biológica e até química.

A justiça e a paz, mais do que matérias de estudo, são questões culturais, inegociáveis e irrenunciáveis, a serem transmitidas, através da educação, nas famílias e comunidades, para se alcançar uma vivência e convivência pacífica, justa e harmoniosa.

Procurar dar um contributo à educação dos jovens, em particular, e da sociedade, em geral, é o propósito deste manual, que é fruto de um trabalho de pesquisa levado a cabo pelo **Centro de Investigação Santo Agostinho (CISA)** da Universidade Católica de Moçambique (UCM), ao longo de três anos (de Fevereiro de 2013 a Fevereiro de 2016).

O foco da pesquisa foi perceber como a proposta formativa da pastoral universitária, referente ético e axiológico na UCM, fomenta valores da identidade cristã, para a construção duma sociedade plenamente humana.

A pesquisa enquadrou-se dentro dum projecto de cooperação do Centro de Coordenação de Pesquisa (CCP) da **Federação Internacional de Universidades Católicas (FIUC)**.

O projecto tinha como tema: **“EDUCAR AS JOVENS GERAÇÕES, PARA JUSTIÇA E PAZ”, FORMANDO-AS À LUZ DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA**”. Envolveu cinco (5) Universidades Africanas, nomeadamente: *Université Catholique de Graben* (República Democrática do Congo), *Université Catholique de l’Afrique de l’Ouest* (Costa do Marfim), *Uganda Martyrs*



University (Uganda), Catholic University of Eastern Africa (Quênia) e a UCM.

O intuito foi o de educar os/as jovens, em particular no que diz respeito à justiça e à paz, para que estes potenciais agentes de transformação da sociedade possam responder, pronta e positivamente, aos grandes desafios, que tanto o continente Africano como Moçambique, enfrentam.

O manual compreende duas partes: uma **teórica** (a primeira) e a outra, **prática** (a segunda).

A parte teórica descreve a missão da UCM e as suas estratégias formativas. Em seguida, delinea a pastoral universitária (PU) como ela foi vivenciada pelos estudantes, na sua trajetória formativa profissional na UCM, assim como pelos agentes de pastoral da mesma instituição. Evidencia o perfil dos jovens e, na sua conclusão, confirma a importância de educar aos valores.

Enquanto que a parte prática se centra naqueles valores, que foram evidenciados pelas pessoas entrevistadas, na referida pesquisa, como aqueles que merecem maior atenção, na educação dos jovens. Mormente os valores do Respeito, do Bom relacionamento, da Boa convivência, da Responsabilidade, da Solidariedade, da Honestidade, da Justiça e da Paz.





A UCM

A MISSÃO DA UCM

A missão da UCM emana da própria missão da Igreja e dos documentos educacionais do seu Magistério, como *Gravissimum Educationis*, *Ex Corde Ecclesiae* e outros, traduzidos no plano estratégico da UCM, 2012-2016. Segundo este plano (UCM, 2011),

é missão da Universidade Católica de Moçambique desenvolver e difundir o conhecimento científico e cultural, promover, nos vários domínios do saber, a formação integral de qualidade permanente de cidadãos e profissionais, comprometidos com a vida e com o desenvolvimento sustentável da sociedade, bem como do mundo, em geral (p. 14).

A missão da UCM engloba duas dimensões fundamentais, que são:

- Disseminação do conhecimento científico e cultural e
- Promoção da formação integral de qualidade permanente.

Dimensões

A formação oferecida pela UCM procura ajudar os cidadãos a contemplarem e valorizarem a vida como beleza, não se preocupando apenas com o presente, mas procurando criar boas condições, para as gerações vindouras, de modo a que também elas venham a viver com dignidade e felicidade.

Portanto a UCM, através da transmissão científica e de valores humanos e espirituais, tem como missão oferecer uma formação integral de qualidade. Procura formar pessoas competentes, para que possam servir, condigna e eticamente, a sociedade. Presta este serviço, por meio do ensino da verdade, da pesquisa e investigação científicas, bem como da promoção dos valores sublimes, como os da justiça, da paz, da reconciliação e do bem comum. Também o faz, através da pastoral e extensão universitária, que visam a construção da pessoa sociável, digna e honesta, bem como a construção duma sociedade mais justa e mais humana.



AS ESTRATÉGIAS FORMATIVAS

A UCM aposta na pessoa, como ponto forte das suas estratégias e centro das suas atenções. Promovendo a sua dignidade, e afirmando-a na totalidade.

Isto significa que a universidade se preocupa com a **tríplice dimensão da pessoa**, nomeadamente: a dimensão humana, a intelectual e a espiritual.

Esta estratégia passa, fundamentalmente, pelos diferentes programas académicos, entre os quais a Ética, a Mundividência Cristã, a Teologia e a Doutrina Social da Igreja.

Além disso, vigora a pastoral universitária, que engloba a todas as pessoas, sem discriminação, nem distinção de raça, de cor da pele, de proveniência, de religião, de *status* social. Este facto ajuda as pessoas a intercambiarem as suas potencialidades e experiências e, conseqüentemente, a construírem, conjuntamente, os valores da paz, da justiça, do respeito e da boa convivência entre pessoas diferentes, mas iguais em dignidade. Nessa óptica, foram instaladas, em todas as unidades básicas (UBs) da UCM, as capelarias, que acompanham a vida da comunidade universitária.



A PASTORAL UNIVERSITÁRIA



UM BREVE HISTORIAL DA PASTORAL UNIVERSITÁRIA

A pastoral universitária surgiu, na Idade Média, com o próprio surgimento da Universidade.

Mas foi a Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae* do Papa João Paulo II (1990)

que marcou o novo rumo da

pastoral universitária e lhe deu uma nova dinâmica. De entre tantos aspectos nela contidos, é de apontar a pastoral, como parte integrante e indissociável da universidade católica, e que está ao serviço da Igreja e da sociedade.

Mais do que isso, a PU faz parte da identidade e da missão da universidade católica, e serve de diferencial, em relação às outras universidades.

O CONCEITO DE PASTORAL UNIVERSITÁRIA

O conceito de pastoral universitária é bastante complexo. Todavia podemos perceber a PU como presença e acção da Igreja, na universidade e na cultura universitária, bem como em todas as estruturas da universidade, dando continuidade à presença e actuação de Jesus histórico, que veio ao mundo, não só para revelar o rosto do Pai, mas também para apresentar o Seu Reino.

Esta presença não o é somente no plano institucional; é-o também no plano pessoal. Pois a pastoral universitária coloca a pessoa no centro, ao cuidar toda e qualquer pessoa, que se encontre na universidade. Segundo a Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae* (João Paulo II, 1990),

A pastoral universitária é aquela actividade da Universidade, que oferece aos membros da própria Comunidade a ocasião de coordenar o estudo académico e as actividades para-académicas, com os princípios religiosos e morais, *integrando assim a vida com a fé*. Ela concretiza a missão da Igreja, na Universidade, e faz parte integrante da sua



actividade e da sua estrutura. Uma Comunidade Universitária preocupada em promover o carácter católico da instituição deverá estar consciente desta dimensão pastoral e ser sensível aos modos com os quais pode influir em todas as suas actividades. (nº 38).

A PU é parte integrante da universidade. Com ela pretende-se complementar o processo de educação dos jovens, que adquirem uma formação profissional, e formar a comunidade universitária em geral, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, pacífica e fraterna. Portanto, esta pastoral procura confrontar a mensagem evangélica com o mundo universitário, bem como com o social, visto que a universidade está implantada na sociedade, e com ela caminha.

Faz sentido a terminologia “Universidade em pastoral”, que parece mais abrangente, porque indica envolvimento de todos. As pessoas conhecem-se e entram em relação, para o crescimento comum, a partir de rezas, debates, conferências, palestras, e outras actividades. O que possibilita uma vivência integradora, em todas as suas dimensões, nomeadamente, na humana, na intelectual e na espiritual.

OS ACTORES DA PASTORAL UNIVERSITÁRIA

A PU abarca a todos: membros da Direcção, docentes, estudantes, funcionários. Todos eles mantêm um diálogo permanente e estabelecem uma relação de constante e mútua aprendizagem. A PU tem como objectivo imprimir maior dinamismo às suas actividades, com base em acções conjuntas. Tomamos em consideração que a pastoral é um espaço de diálogo entre a Fé e a Razão e um meio privilegiado, para promover o “carácter católico” da universidade.

O envolvimento e comprometimento de todos, do topo à base, contribui para o cumprimento da missão da UCM, que, de entre vários aspectos, destaca a formação integral das novas gerações, para que possam servir a sociedade, baseando-se nos princípios cristãos.

O corpo directivo das UBs é o motor da pastoral. Promove o envolvimento e a aderência aos programas e actividades da mesma, e motiva a comunidade universitária.

O docente, sendo a medula do processo de ensino e aprendizagem, educa e orienta os jovens. Um dos jovens entrevistados disse que “muitos estudantes têm como espelho os próprios docentes”, para a aquisição de boas práticas. Os docentes incentivam a participação nas propostas



formativas, enquanto também eles próprios participam nessas actividades.

Quanto aos funcionários, assumindo os valores cristãos, entram, de forma activa, na pastoral, e participam nas várias actividades.

Os estudantes são os principais destinatários da pastoral. Pois esta tem como objectivo principal auxiliá-los a articular, de maneira adequada, a sua vida académica, pessoal, social e de fé. A PU contribui para o processo da formação integral, transmitindo valores, que norteiam o comportamento dos jovens. Acompanha os estudantes, para que aprendam a conviver, com as diferenças individuais, e compreendam que estão sendo formados, para prestarem serviços à comunidade e à sociedade.

Portanto a PU é um veículo de coesão entre a Direcção, os docentes, os funcionários e os estudantes, favorecendo a construção de uma comunidade universitária, que busca a verdade, e que partilha e vive o Evangelho.

O PERFIL DOS AGENTES DA PASTORAL UNIVERSITÁRIA

A PU necessita de agentes, que nela operem, com certo perfil requerido. Quando dizemos *agentes da pastoral universitária*, referimo-nos a todos aqueles que a encabeçam. Nomeadamente, o capelão, e todas as pessoas, que colaboram, no âmbito da planificação e execução. São servidores de Deus para com a comunidade universitária. Através do diálogo e do encontro, preocupam-se em cuidar do desenvolvimento espiritual das pessoas que professam a religião católica, bem como da vida religiosa de todos quantos buscam o sentido da vida, a partir da palavra de Deus e dos ensinamentos religiosos.

Por perfil do agente da PU entende-se a postura ideal daquele que nela opera, e que o auxilia a ter uma boa *performance*. Influencia grandemente a actuação da PU e, conseqüentemente, a educação dos jovens. Aliás, o perfil funciona como um “curriculum oculto”, na medida em que, muitas vezes, os jovens aprendem melhor, a partir do testemunho dos educadores.

Todos os agentes, entre os quais se destaca o capelão, são dinamizadores da pastoral e preenchem alguns requisitos fundamentais. Para além da formação específica e contínua, eles são pessoas com espírito de liderança e com capacidade para cuidar da vida das pessoas. Destacam-se, por assumirem algumas atitudes, tais como: a



disponibilidade, o bom exemplo, a inclinação para trabalhar com jovens, o espírito de trabalho em equipa, a capacidade de escuta, a responsabilidade, o dinamismo, a paciência, a amabilidade, o respeito, a humildade, o bom relacionamento e a motivação, entre outros aspectos.

São pessoas que têm a missão de criar laços de amizade e fraternidade, de abrir espaço de confiança e de procurar orientar a comunidade universitária, para os valores que permitam

construir um ambiente saudável, desenvolver valores éticos e assumir um espírito de serviço, em prol da sociedade.

AS CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA PASTORAL UNIVERSITÁRIA

A primeira e mais importante condição de realização da PU são as pessoas. Nomeadamente, os agentes da pastoral, o próprio capelão e todos os integrantes da pastoral.

Os agentes da pastoral são elementos-chave, que fazem com que as coisas aconteçam e funcionem eficiente e eficazmente.

Um elemento crucial é a figura do capelão, para o acompanhamento espiritual e humano das pessoas, assim como a animação das actividades da PU. Nele, devem estar presentes alguns elementos fundamentais, nomeadamente: presença constante, liderança e disponibilidade, entre outros.

Para a prossecução das actividades, é bom que haja um responsável específico, por cada uma das várias áreas da pastoral, tais como a catequese, a liturgia, a recreação. E que, todos juntos, tais responsáveis formem uma equipa.

Para além das pessoas, que necessitam de certa disponibilidade, a pastoral carece de algumas condições materiais e ambientais e de um plano de actividades, que oriente o que são as actividades a serem realizadas. Estas e outras condições de realização dinamizam a pastoral.

AS ACTIVIDADES DA PASTORAL UNIVERSITÁRIA

As actividades desenvolvidas na PU contribuem para a formação integral, em que o saber ser se alia ao saber científico, e ao saber estar, e ao saber fazer. Adquirindo-se qualidades e capacidades, a partir da interacção,



que se estabelece, através de várias actividades, nomeadamente, as espirituais, as de formação, as lúdicas e as de voluntariado.

Olhando para essas actividades, a maior parte delas são de índole espiritual, sendo a missa a actividade central, para além do atendimento e assistência espiritual à comunidade universitária, da catequese e oração, dos retiros e reflexões.

Nos debates e seminários de carácter interdisciplinar, são tratados vários temas ligados à ciência e religião, que ajudam a sensibilizar os participantes para saberem discernir o bem do mal, como contributo para a promoção da justiça e da paz.

As actividades de natureza recreativa permitem a convivência, a socialização e a interacção cultural.

Também caracterizam a PU: a realização de campanhas de angariação de bens e recursos monetários para ajudar as pessoas mais necessitadas; a visita às crianças órfãs, aos idosos e doentes; a promoção de projectos e actividades sociais, de protecção do meio ambiente e de cidadania.

Estas e outras actividades tornam a pastoral um espaço, onde estão criadas as condições, para que as pessoas possam socializar-se, dialogar, conviver nas diferenças, aprender, bem como fortificar e reavivar a fé e o sentido de cidadania.

A IMPORTÂNCIA DA PASTORAL, NO PROCESSO DE FORMAÇÃO

A PU é muito importante para o processo de formação e humanização: promove o desenvolvimento humano integral; procura ajudar as pessoas a se revestirem de princípios e valores e a se tornarem mais humanas; ajuda-as a encararem a vida, dom de Deus, com esperança, e as dificuldades, numa atitude de superação e de aprendizagem para a vida.

A PU também faz um acompanhamento, em aspectos éticos, morais, sociais, psicológicos, espirituais, cuidando, dessa forma, de todas as pessoas, que procurem conforto e uma mão amiga. Valoriza a dimensão relacional e de sociabilidade. Assim, as pessoas aprendem a viver e a conviver, a entender e a compreender, a respeitar a opinião dos outros e a dar a própria opinião. A boa educação, assim como a vivência dos valores e princípios, ajudam as pessoas a crescer e a tornarem-se melhores.



Na pastoral, insiste-se muito no valor da fraternidade, no sentido de que somos todos iguais, em dignidade, e temos que nos respeitar uns aos outros, como irmãos e irmãs. Para além da abertura à transcendência, na relação com o Outro, Deus, e às problemáticas sociais, que fragilizam esta fraternidade.



UMA ATENÇÃO PARTICULAR AOS JOVENS



O CONCEITO DE JUVENTUDE

A juventude “mais do que identificar uma categoria de pessoas, é uma fase da vida, que cada geração volta a interpretar, de modo singular e irrepitível” - afirma o Sínodo dos Bispos (2017, I).

É o período da vida, em que se dá o amadurecimento da pessoa, nos aspectos biológico, fisiológico, psicológico e social.

Apesar de o conceito ser muito complexo, pode afirmar-se que a juventude é muito mais do que apenas uma etapa física da vida. Trata-se da fase das grandes opções da vida, em que os/as jovens tomam as grandes decisões, que, muitas vezes, norteiam a vida toda (Boran, 1982).

Por isso, é necessário tomar fortemente em consideração os sujeitos que atravessam esta fase tão delicada e se abrem ao futuro, que esperam que seja melhor do que a realidade, que vivem, no presente.

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU, 1996), o termo “jovens” indica as pessoas que vão dos 15 aos 24 anos de idade. Embora a ONU deixe ao critério de cada nação definir uma idade, que achar apropriada.

Foi nessa óptica que Moçambique, através do Ministério da Juventude e Desportos (2012), estabeleceu como idade da juventude Moçambicana o “grupo etário dos 15 aos 35 anos.” (p. 7). De acordo com a realidade moçambicana, dentro desse parâmetro estão incluídos os chamados “jovens - adolescentes”, os “jovens - jovens” e os “jovens - adultos”.

O Papa Francisco (2013a) reconhece que não é fácil abordar os jovens, mas que, para melhor ler os sinais dos tempos, é conveniente ouvi-los, enquanto eles nos chamam “a despertar e a aumentar a esperança, porque trazem consigo as novas tendências da humanidade, e abrem-nos ao futuro.” (nº 108).



O PERFIL DOS JOVENS

A população moçambicana é maioritariamente jovem. O Recenseamento Geral da População de 2007 e as projecções mais actualizadas do crescimento da população indicam que 33% da população moçambicana se situa nesta faixa etária. O que significa que a juventude é a principal riqueza do país, a ‘Seiva da Nação’, como o Ministério da Juventude e Desportos (2012) a define e entende. Uma riqueza étnica, cultural, social, que se repercute na UCM.

As pessoas entrevistadas, na referida pesquisa, sublinham que os jovens desejam realizar a sua vida, através de uma formação académica, que eles entendem como um veículo de promoção, de integração, de estabilidade social, mas, por vezes, também como elemento “de superioridade e ostentação”.

Seja como for, os jovens trazem consigo sonhos e valores, que desejam realizar, mas vivem numa sociedade complexa e sedutora, que, com muitas outras propostas, os desorientam e os tornam vulneráveis. E sendo assim, eles necessitam de um acompanhamento, de uma orientação, de se sentirem parte de um grupo, em que se identifiquem e dêem o melhor de si.

Estes rapazes e raparigas precisam de um espaço de reflexão, onde possam discernir entre os vários caminhos, que se abrem à sua frente, envolver-se em experiências significativas, que lhes marquem o sentido da vida, e mostrar as próprias capacidades e potencialidades. Concentram-se, assim, nos valores, que descobrem, pouco a pouco. Fortificam a própria personalidade e consolidam a parte boa que trazem no coração. Esta bagagem, que adquirem, ajuda os/as jovens a melhor enfrentar os desafios, que a sociedade lhes proporciona.

A fase de entrada na vida adulta pode gerar-lhes muitas possibilidades, tanto de realização como de frustração.

A PU abre a estes jovens caminhos, para poderem sociabilizar-se e por-se em contacto com um ambiente, que os ajude a trabalhar a sua personalidade e sociabilidade. Considerando que **os jovens apresentam um perfil de vulnerabilidade psicossocial.**

Igualmente convida os “queridos jovens”, como diz Bento XVI (2010), a cultivarem “no coração desejos grandes de fraternidade, de justiça e de paz. O futuro está nas mãos de quem souber procurar e encontrar razões



fortes de vida e de esperança.” (nº 7). Os jovens podem, assim, oferecer ao mundo uma esperança autêntica.

ORIENTAR OS JOVENS AOS VALORES

Valerá a pena pensar numa educação, que aposte nos valores, nesta sociedade que parece altamente deteriorada, na qual impera uma economia de exclusão, e o dinheiro se torna o ídolo, e o poder corre o risco de aniquilar a vida dos outros?

A resposta é afirmativa. Sim, vale a pena educar os jovens para os valores, porque, hoje, mais do que nunca, a sociedade precisa de pessoas comprometidas com a vida e com a sua preservação, nas várias dimensões: biológica, social e ecológica; e de pessoas capazes de construir laços comunitários, que abram para a fraternidade e a solidariedade.

É neste âmbito que a UCM, consciente da sua missão de educar, de forma integral, o faz com determinação, sem descuidar os valores, dando, assim, um contributo não só pessoal, mas, sobretudo social. Para tal, ela aposta em operadores e educadores com um perfil comprovado e condições adequadas, para a realização das actividades académicas, de investigação e de extensão, bem como pastorais, para corresponderem a tal exigência educativa.

UMA PORTA ABERTA AOS VALORES

A opção preferencial por uma educação focada em valores, especificamente nos valores da justiça e da paz, é uma escolha, que corresponde à missão peculiar da UCM, como é referenciado, nos documentos basilares da educação católica.

Contudo, tal educação não deve ser uma obra própria apenas da universidade. Ela tem que ser uma tarefa levada a cabo pelas três instituições educativas sociais fundamentais, nomeadamente, a família, a escola e a própria sociedade, numa conjugação de esforços e sinergias.

Se realmente pretendemos uma sociedade mais pacífica, mais justa, mais reconciliada e desenvolvida, a todos os níveis, que é a principal aposta da UCM, e não só, é importante que ela caminhe de mãos dadas com a educação para os valores. Essa educação deve ser implementada no próprio contexto, olhando para a vida real dos próprios educandos, de modo que estes saibam ser, estar, fazer, viver e conviver com os outros, de acordo com os pilares fundamentais da educação (Delors, 2004).



Neste âmbito, apostando na educação dos jovens e no futuro dos países africanos, o Papa Bento XVI (2011a) reconhece que a juventude Africana, e nela a Moçambicana, “é um dom e um tesouro de Deus, pelo qual a Igreja inteira se sente agradecida ao Senhor” (nº 60). O mesmo Papa (Bento XVI, 2011b) está também convencido de que “**Prestar atenção ao mundo juvenil, saber escutá-lo e valorizá-lo, para a construção dum futuro de justiça e de paz, é não só uma oportunidade, mas também um dever primário de toda a sociedade.**” (nº 1). Assim é para a UCM.

É precisamente com tal objectivo que a UCM oferece o presente manual de pastoral aos jovens e a todas as pessoas de boa vontade. Ele é fruto do estudo feito acerca da pastoral universitária. E também de um processo criativo de várias pessoas, que se envolveram, com a própria competência e sensibilidade, e aprenderam umas das outras, no enriquecimento mútuo. Engajaram-se no sonho de elaborar o manual, que, dia após dia, num exercício de escrita colectiva, se foi tornando o que está agora nas nossas mãos. O que nos animou e impulsionou a ir para a frente foi a paixão pelos jovens e o desejo de promover, entre outras coisas, o essencial, que, segundo Papa Francisco (2017), é



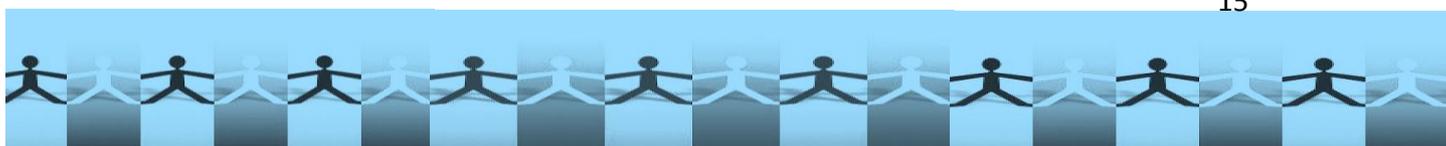
o crescimento de uma consciência livre, capaz de se confrontar com a realidade e de se orientar por ela, guiados pelo amor, pela vontade de se comprometer com os outros e se encarregar das suas canseiras e feridas, de evitar qualquer egoísmo, para servir o bem comum (nº 2).

E é para atingir tal consciência, que o manual se concentra nos seguintes valores: **Respeito, Bom relacionamento, Boa convivência, Responsabilidade, Solidariedade, Honestidade, Justiça e Paz.** São os valores mais expressivos, que classificamos como valores de “justiça e paz”. E que podemos inferir, do estudo feito, acerca da pastoral na UCM, tendo em linha de conta as percepções dos jovens universitários, que reflectem em torno das grandes questões da vida e do sentido de que elas se revestem.

Cada sessão segue, de modo geral, um roteiro, que lhe dá uma forma unitária. Nomeadamente: uma introdução ao valor em causa; o objectivo, que se almeja atingir; uma definição do termo, para melhor o compreender; o facto de vida, que chame em causa a realidade; algumas perguntas para reflexão; o valor na Bíblia; o valor na Doutrina Social da Igreja; a conclusão, e o destaque de alguns compromissos a assumirmos, para tornarmos concreto o valor, que foi objeto de reflexão.



Evidenciam-se algumas frases notáveis. E, para facilitar a interação, propõem-se algumas dinâmicas de grupo, que vêm recolhidas, no final do manual.





● Respeito



INTRODUÇÃO

Partindo das experiências, que cada um de nós tem vivido, no seu bairro, em casa, na escola, no serviço, enfim, nas convivências do dia-a-dia, falaremos aqui, do respeito, que é um valor que dá prestígio a quem o vive.

A título de exemplo, é comum ouvir-se dizer: “o filho do senhor fulano não tem respeito”, ou “o filho do senhor fulano é muito respeitoso”. Estas avaliações das atitudes, que praticamos, no dia-a-dia, desprestigiam a pessoa que não é respeitosa e enaltecem a que é respeitosa.

Assim, ser respeitoso é demonstrar um dos valores básicos da pessoa humana, a partir da consideração por algo ou por alguém. A aquisição do respeito faz-se na família, na comunidade, na igreja, na escola, enfim nos diferentes grupos e ambientes sociais, em que a pessoa se integra no processo de construção da personalidade. Pois nestes grupos e ambientes sociais recebem-se valores educacionais, que nos orientam para o respeito de si próprio, do próximo e de tudo o que nos rodeia.

Este valor é observável nas palavras e nas acções. É um sentimento positivo, que, quando se manifesta, favorece a convivência harmoniosa, considerando a dignidade do outro e a de todas as outras criaturas.

OBJECTIVO



Incutir a necessidade de ser respeitoso, para com os outros e para com o meio à sua volta.

O QUE SE ENTENDE, COM O TERMO RESPEITO

Respeito, segundo o Dicionário Houaiss, provém do latim *respectus*, e significa “atenção” ou “consideração”, e inclui cuidado, e deferência. Portanto, a palavra **respeito** é sinónima de **atenção** ou de **admiração**.

Fazendo a análise do primeiro termo, a **atenção**: quando ouvimos a palavra “atenção” pensamos, em primeiro lugar, na actividade mental da concentração em algo. Mas este termo também se pode referir ao acto de ocupar-se com alguém ou com algo, cuidando, zelando e dedicando o seu tempo e a sua vida ao bem-estar de toda a criação. Assim, podemos dizer que quem respeita cuida, zela, dedica e atribue a quem respeita ou ao que respeita uma posição de enaltecimento.

Algo similar se pode dizer também do segundo termo, **consideração**, que se refere à estima, que se nutre e demonstra por algo ou alguém.



O RESPEITO PELOS DIREITOS HUMANOS

A observância desta atenção e consideração, quer pela dignidade humana, quer pela natureza em geral, leva ao estabelecimento de linhas orientadoras da convivência humana, tais como: os direitos humanos, que promovem a dignidade da pessoa; e a lei da conservação ambiental, que promove o cuidado pela natureza; entre outras leis, que buscam sempre o bem-estar da sociedade.

O respeito pelos direitos humanos orienta-nos para a observância de muitos outros direitos, tais como: o direito à vida, à liberdade religiosa, à educação, à privacidade, ao trabalho condigno, à segurança social, às condições mínimas da existência humana, entre outros. A observância, a atenção e a consideração de cada um destes direitos da pessoa humana demonstram o respeito, que temos, pela dignidade humana.

Podemos destacar vários outros direitos relacionados com o respeito por determinados grupos sociais, considerados desfavorecidos ou ainda vulneráveis, tais como: as crianças, os idosos, a mulher e a pessoa com necessidades especiais.

Respeitando os direitos de cada um de nós, criamos condições, para que a sociedade viva em paz, e com uma convivência harmoniosa. Pois nenhuma das pessoas nela integrada se sentirá desprezada. O respeito destas orientações por parte de cada um de nós pressupõe, antes de tudo, que conheçamos os nossos direitos e as nossas obrigações. É, acima de tudo, seguir o ditado “**Não faças aos outros aquilo que não gostarias que te fizessem a ti**”.

A ATITUDE DE RESPEITO

Podemos pensar que a atitude de respeitar se restringe apenas aos nossos actos, em relação à dignidade da pessoa. Mas podemos observar também a falta de respeito, nas palavras, que proferimos aos outros, chocando-os. Assim, mostrar bondade e cortesia; ser educados, no que dizemos; falar com moderação; escutar o outro; falar, quando é permitido; considerar os níveis sociais e equilibrar a linguagem com as diferenças; são algumas, entre outras formas, que constituem manifestações de respeito.



Quando nos expressamos perante os outros, é importante seleccionar as palavras certas e as formas de tratamento adequadas a eles, bem como uma forma correcta de apresentar o assunto. Para que este não possa resultar num mal-entendido e constituir uma falta de respeito. Neste sentido também é importante observar os aspectos culturais da sociedade, bem como os valores locais.

Falando do desenvolvimento da atitude de respeito para com a pessoa, importa-nos referir que esta se desenvolve, em primeiro lugar, na família. Pois é no ambiente familiar que nós recebemos a primeira educação, e é responsabilidade primária dos pais velarem por ela.

O RESPEITO PELO MEIO-AMBIENTE

O respeito pela natureza fundamenta-se na lei da conservação ambiental. Lei que, na sua essência, defende a utilização racional dos recursos naturais, englobando a utilização sustentada, a conservação dos ecossistemas naturais, e a regeneração dos ambientes já degradados.

Em Moçambique, nos últimos anos, nota-se, constantemente, a falta de água. E isso cria constrangimentos à população. Pois as pessoas têm de percorrer grandes distâncias, à procura do precioso líquido. E alguns até ficam privados da água, tendo de recorrer a furos, que lhes não oferecem segurança sanitária. Este facto deve-se a vários fenómenos. Entre eles, a erosão, que ocorre nos rios, diminuindo-lhes a profundidade. E conseqüentemente a quantidade da água dos rios diminui e já não satisfaz as necessidades da população. Para além do desflorestamento, que desequilibra o ciclo da natureza e, como consequência, o aumento do aquecimento global e da desertificação.

O RESPEITO, NA BÍBLIA

Os textos bíblicos, que abaixo vamos citar, mostram-nos que, desde o Antigo Testamento até ao Novo, há várias referências, em relação ao respeito a ter para com os pais, e os anciãos e idosos, e os superiores e os espaços sagrados. É o que se pode ver nesta referência: "Levanta-te, perante uma cabeça branca, e honra a pessoa do ancião. Teme o teu Deus. Eu sou o SENHOR." (Lv 19, 32).

Os idosos, os velhos e os anciãos das nossas comunidades são os guardiões da nossa cultura. São eles os transmissores dos valores, os



possuidores de experiências, com que podem ajudar a nossa sociedade, na prática de boas obras, com que demonstram o respeito pelos valores sociais e culturais.

Não só se pede o respeito dos mais novos para com os mais velhos, mas também o respeito entre os mais velhos. Isto é, cada indivíduo, independentemente da sua idade, deve respeitar o seu próximo, podendo assim garantir o respeito a si próprio.

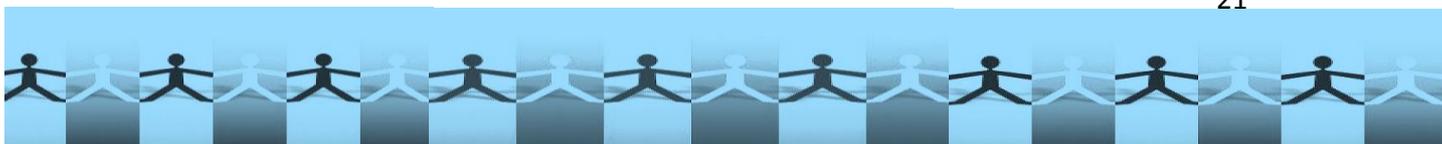
“Respeitai a todos, amai os irmãos, temei a Deus, honrai o rei.” (1 Pe 2, 17). Nesta carta de Pedro, pede-se que nos tratemos, com o devido respeito e amor, independentemente da cor, da raça e da religião, para além de temermos a Deus, que é o Rei das nações.

Hoje, poucas vezes se fala da discriminação. Mas isto não significa que ela não exista. Basta recordarmos o tráfico dos albinos, e o tráfico dos menores, e o tráfico das mulheres, e a discriminação das classes mais pobres, e a proibição de entrada em alguns estabelecimentos. Todas estas, entre outras atitudes, demonstram a inexistência de respeito pela dignidade humana, entre outros direitos não respeitados.

O RESPEITO PELA NATUREZA, NA BÍBLIA

A terra é sagrada e sagrado é tudo o que nela existe. Pois em toda a criatura está a presença de Deus. E sempre que nós observamos a criação e usufruímos dela, vemos nela a presença de Deus Criador. Como podemos conferir, no livro de Êxodo: “Ele (Deus) disse (a Moisés): «Não te aproximes daqui; tira as tuas sandálias dos pés, porque o lugar, em que estás, é uma terra santa».” (Ex 3, 5).

Como se pode ver, nesta passagem, o Senhor chama por Moisés e pede-lhe que respeite os espaços sagrados, a terra que é santa. Ao se fazer referência à santidade da terra, deixa-se claro que ela é sagrada e tudo o que nela existe é sagrado, e merece o respeito de todos nós. Por isso, hoje, é comum ouvir falar do respeito devido às leis, que fazem referência ao meio-ambiente. Tais como: as leis da terra, da floresta e fauna bravia, da pesca, da água. Para além das leis, temos também decretos e convenções, que buscam sempre a conservação do meio ambiente. A santidade da terra deve ser sempre respeitada, pois ela é pertença de Deus. “Nenhuma terra será vendida, definitivamente, porque a terra pertence-me, e vós sois apenas estrangeiros e meus hóspedes.” (Lv 25, 23).



O respeito pela terra e pela água, pelas árvores e pelas aves, e por tudo o que é meio-ambiente deve ser manifestado, a partir do uso racional da natureza. Isto é, não destruí-la, permitindo a manutenção da biodiversidade, que é um elemento indispensável, para o equilíbrio no ecossistema. O respeito por este e pelos bens públicos, entre outros, deve constituir a base da nossa vida, pois o Senhor deu ao homem a terra, para ele cuidar dela e servir-se dela, mas sem a destruir.

O RESPEITO, NA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

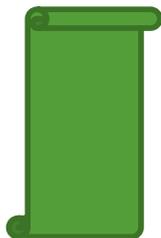
Também os documentos da Igreja fazem menção do respeito, que é, sem dúvida, parte da dignidade da pessoa humana, e é o centro deste valor. Paulo VI (1967), na Encíclica *Populorum progressio*, olhando para a necessidade do respeito pela dignidade humana e pelo desenvolvimento das sociedades, observa que o respeito deve ser “a passagem de condições menos humanas a condições mais humanas” (nº 20) e especifica as suas características. Esta passagem implica para cada pessoa, entre outros, a aquisição da cultura, o respeito da dignidade dos outros, e o reconhecimento “dos valores supremos, e de Deus que é a origem e o termo deles.” (nº 21).

À luz desta referência, pode dizer-se que este valor se vai construindo, ao longo da vida, e deve constituir uma cultura de todos, para a boa convivência na sociedade. Pois o respeito pela dignidade dos outros é demonstrado, a partir do momento, em que somos educados, e tratamos os outros com consideração.

Esta atitude nobre do respeito permitirá, sem dúvida, que todos aqueles a quem nós respeitarmos sejam capazes de nos retribuir o respeito dado. Queremos com isso dizer que não podemos esperar respeito de alguém a quem não respeitamos. E muito menos de alguém com quem não temos um bom relacionamento. Isto não significa que devemos respeitar apenas aqueles que nos respeitam. Pois devemos respeitar a todos, de forma incondicional.

O Compêndio da Doutrina Social da Igreja (CDSI), elaborado pelo Pontifício Conselho “Justiça e Paz” (2004) refere que:





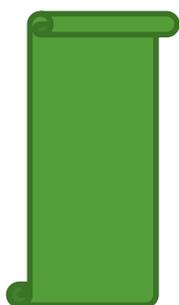
O respeito pela dignidade da pessoa não pode absolutamente prescindir da obediência ao princípio de considerar “o próximo como <outro eu>, sem excetuar ninguém, levando em consideração antes de tudo, a sua vida e os meios necessários para manter dignamente”. É necessário, portanto, que todos os programas sociais, científicos e culturais sejam orientados pela consciência do primado de cada ser humano. (nº 132)

Esta abordagem vai além do viver a dignidade, olhando para o eu e para o outro. Destaca que todas as actividades sociais devem buscar sempre a formação da pessoa humana, na sua integridade. Isto é, formar pessoas, que respeitem os direitos humanos, e que pautem pelo bem-estar social e da natureza.

Bento XVI (2009), em Genebra, falou do respeito pela criança e destacou o respeito pela sua dignidade inviolável, e o reconhecimento da missão educativa fundamental da família, e a necessidade de um ambiente social estável, que possa favorecer o desenvolvimento físico, cultural e moral de cada criança.

Há, porém, algumas práticas sociais, que ferem o princípio da dignidade da pessoa humana, pois em tais práticas tira-se o direito à vida a um ser humano, a uma criatura divina. Entre tais práticas, o aborto, o suicídio, a eutanásia: actos deploráveis, que ferem o princípio do respeito pela vida.

O Papa Francisco, em entrevista ao Jornal *La Repubblica* (Galvan, 2013), em relação ao respeito dos jovens e dos idosos observou:



O mais grave dos males, que afligem o mundo, nestes anos, é o desemprego dos jovens, e a solidão, em que são deixados os idosos. Os idosos necessitam de cuidado e de companhia. Os jovens precisam de trabalho e de esperança, mas não têm nenhum dos dois. Diga-me: pode-se viver jogado fora do presente? Sem memória do passado, e sem desejo de projectar-se no futuro, construindo um projeto, um futuro, uma família? É possível continuar assim? Isto, segundo me parece, é o problema mais urgente.

E na catequese de 04 de Março de 2015 (Francisco, 2015a), afirmou ainda que “A Igreja não pode e não quer conformar-se com uma mentalidade de intolerância, e muito menos de indiferença e de desprezo, em relação à velhice.” E concluiu: “Onde não há honra para os idosos, não há porvir para os jovens.”



CONCLUSÃO

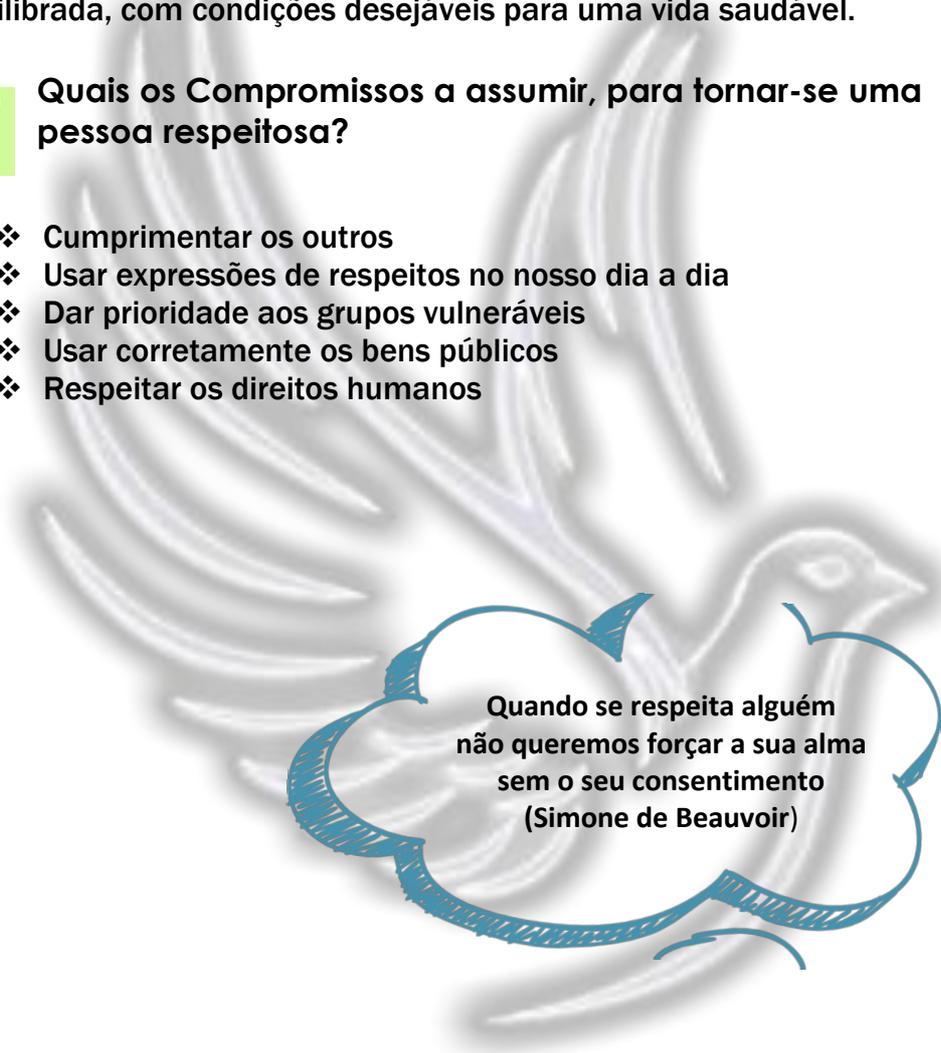
O respeito, no nosso dia-a-dia, deve demonstrar-se, em todas as situações e ocasiões, com base nos sentimentos e acções positivas para com uma pessoa ou entidade, ou ainda para com a natureza. Para além do homem, também a natureza é sagrada, pela criação divina. Necessitamos que ela seja conservada.

O respeito ajuda-nos a construir uma sociedade mais harmoniosa e equilibrada, com condições desejáveis para uma vida saudável.

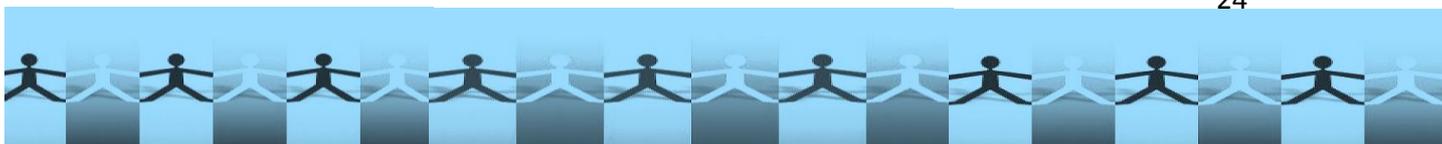


Quais os Compromissos a assumir, para tornar-se uma pessoa respeitosa?

- ❖ Cumprimentar os outros
- ❖ Usar expressões de respeito no nosso dia a dia
- ❖ Dar prioridade aos grupos vulneráveis
- ❖ Usar corretamente os bens públicos
- ❖ Respeitar os direitos humanos



Quando se respeita alguém
não queremos forçar a sua alma
sem o seu consentimento
(Simone de Beauvoir)



● Bom relacionamento



INTRODUÇÃO

O relacionamento entre as pessoas é cultivado e desenvolvido, no dia-a-dia, durante toda a existência delas, com base no estabelecimento de relações, gerando trocas de sentimentos, de pensamentos, de vivências, permitindo a formação da personalidade do indivíduo. E será com base nesta personalidade que, ao longo da sua vida, a pessoa se irá guiar, nas suas relações com os seus semelhantes. A forma como estas trocas forem interpretadas é que vai definir a qualidade da relação a ser estabelecida de um para com o outro. Durante a vida, o homem mantém várias redes de relacionamento, dentro da sociedade, em que está inserido.

No trilho dos relacionamentos, a família é a primeira instância, em que o indivíduo tem uma relação próxima com o outro, expressa sentimentos, sente a necessidade de aceitação, de pertença, e mantém uma relação saudável com os seus. Assim como afirma Haring (1961), “a família é, antes de tudo, o campo ideal, para a prática do amor mútuo” (p. 72).

A escola é outra instância, onde o indivíduo estabelece relações com os outros. E, com elas, pode adquirir não só conhecimentos meramente técnicos, mas também normas de convivência em sociedade.

O local de trabalho, a igreja e a própria comunidade desempenham também o seu papel preponderante, no desenvolvimento e manutenção da relação entre o indivíduo e a sociedade. Elas são a extensão da primeira rede moldadora de modelos de relacionamento, que é a família. E, ao mesmo tempo, elas impõem ao indivíduo o respeito e a aceitação das diversas personalidades existentes à volta dele, para que prevaleçam o amor, a compreensão e o carinho, preceitos basilares de um relacionamento saudável e positivo. O desejo de ser carinhoso, dedicado, entregue aos outros, ou seja, o cultivo do amor fraterno, leva ao desenvolvimento de relacionamentos frutíferos e duradouros.



OBJECTIVO

Promover o desenvolvimento de comportamentos e atitudes que conduzem ao bom relacionamento.



O QUE SE ENTENDE, COM O TERMO RELACIONAMENTO

Relacionamento é o acto de estabelecer uma ligação, com algo ou com alguém (Dicionário Online de Português).

O FACTO DA VIDA

A Dona Maria Alice e seus três filhos

A senhora Maria Alice era casada com o senhor Pedro Lopes. E tinham três filhos, sendo a mais nova adoptada.

O tempo foi passando e as crianças foram crescendo todas rodeadas do amor e dos cuidados dos pais. Mas o ciúme dos dois irmãos mais velhos contra a mais nova, por esta ter sido adoptada, começava a trazer para dentro de casa um ambiente de ciúme e de brigas. Ao verem que a relação entre os filhos estava indo para um caminho não muito saudável, os pais decidiram lançar-se a um conjunto de medidas, que pudessem sanar aquele cenário. E decidiram pedir auxílio à catequista Rosa. Esta, nas suas sessões de conversa com os meninos, explicou-lhes o que é ser um filho adoptado dentro de uma família. Explicou-lhes que, diante de Deus e diante do coração dos pais, todos eles eram iguais e eram amados, de igual modo. E, por isso, que enquanto os filhos não se entendessem, o coração dos pais também ficaria triste. E perguntou-lhes se era isso o que eles pretendiam. E eles responderam logo que não.

Passado algum tempo, e vendo a catequista Rosa que a relação entre os filhos do casal Pedro e Maria Alice estava de novo a tornar-se boa e bonita, perguntou aos três meninos: “Que aprenderam vocês, neste tempo de reflexão?”

Resposta do Carlos: “Aprendi que o amor ao próximo é importante. Aprendi também que, aos olhos de Deus, somos todos iguais, e não existem filhos mais e filhos menos amados.”

Resposta da Érica: “Aprendi que sempre devemos procurar não magoar os outros, quer por palavras, quer por acções. E que sempre devemos colocar-nos no lugar do outro, para perceber a sua dor.”

Resposta da Filipa: “Aprendi que devo manter-me sempre calma e pacífica, diante do ciúme, da provocação, para que não possa piorar a situação. Aprendi que o amor de um pai, de uma mãe e de um irmão é maior do que qualquer tempestade que possa abalar a família, e que, para se viver numa família feliz, depende somente de nós.”





1. Como você percebe uma relação saudável?
2. O que tem feito para cultivar um bom relacionamento com os membros da sua família?
3. Dentro do seu grupo de amizades, que atitudes tem vindo para que permaneça sempre um relacionamento saudável?

O BOM RELACIONAMENTO, NA BÍBLIA

Desde os primórdios que nos é ensinado que o amor fraterno deve ser a base de qualquer relação entre as diferentes pessoas. Quer na família, quer na comunidade, quer na sociedade, quer ao nível do mundo todo. Se dermos e mostramos e, principalmente, praticarmos o amor, a gratidão, o respeito, a bondade, a humildade, nós, com a maior probabilidade, receberemos de volta o mesmo. A Bíblia traz-nos diversos exemplos. E uma das histórias bonitas é a de Noemi e Rute (cf. Rt 1-4).

Noemi era uma mulher de idade avançada, que, no decurso da vida, ficara viúva e, pouco tempo depois, perdera também os seus dois filhos Quilion e Maalon. O desespero, a angústia e a dor tomaram conta dela. Entretanto, a sua nora, Rute, viúva de Maalon, mulher de coração bondoso e bom, decidiu acompanhá-la, na trajetória de toda a sua vida. Acima de qualquer sonho pessoal, pôs o amor leal para com a sogra. Surgiram, assim, questionamentos por parte desta sogra de Rute. Noemi não queria que esta jovem vivesse assim presa a ela, descurando viver a sua vida. Mas Rute respondeu-lhe: “Não insistas para que eu te deixe. Onde tu fores, eu irei contigo, e onde pernoitares, aí ficarei; o teu povo será o meu povo e o teu Deus será o meu Deus!” (Rt 1, 16). E assim foi. Rute e Noemi continuaram juntas, num amor fraterno e leal, e com muita fé no coração. E Rute acabou por ser abençoada mais tarde: casou-se com Booz e concebeu um filho.

Que nos ensina esta história de Noemi e Rute?

Com esta história, nós aprendemos que um relacionamento bom, duradouro, leal e verdadeiro só é possível, quando nós deixamos de lado o egoísmo, de querer olhar só para a nossa satisfação própria, e o orgulho e a indiferença, e praticamos o amor entre nós.



O BOM RELACIONAMENTO, NA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

A maior preocupação da Igreja foi sempre a de que entre os homens houvesse um bom entendimento na terra e, conseqüentemente, um relacionamento saudável. Os seus ensinamentos levam-nos a cultivar, no dia-a-dia, a generosidade, a honestidade, a lealdade, a aceitação do outro e das diferenças. Porque só assim é que nós seremos capazes de nos reconciliar com o próximo e com Deus.

A Doutrina Social da Igreja ajuda-nos a perceber que o bom relacionamento é aquele que cultiva a vida e não a morte, que gera amor e bondade.

A família, como sempre, desempenha, na Doutrina Social da Igreja, o papel primordial, a tarefa do cultivo das atitudes próprias de um coração bondoso e generoso. É também tarefa da família transmitir valores e garantir a educação capaz de criar nos filhos princípios, que levem ao respeito para com o outro.

Na vertente do relacionamento com os outros, o Papa Francisco (2016a), falando às famílias, lembrou-nos a importância do uso daquelas expressões simples como “com licença”, “obrigado”, “desculpe”, que evidenciam um estilo de delicadeza. Nestas expressões, podemos encontrar inspiração, para podermos ser respeitosos e educados para com todos.

Diante destes ensinamentos, devemos todos reflectir sobre a nossa forma de ser e estar na sociedade, e como nos relacionamos com as outras pessoas.

COMO PODEREI CONSTRUIR BONS RELACIONAMENTOS?

Um bom relacionamento entre as pessoas envolve atitudes construtivas, tais como o respeito, a empatia, o diálogo e o perdão. E tais atitudes devem ser recíprocas. Pois quando uma das partes não está disposta a desenvolvê-las, o relacionamento pode torna-se problemático.

Quando as relações entre as pessoas sofrem da falta ou da pouca clareza de objectivos e pretensões das acções de cada um, abre-se espaço para um mau entendimento, para as suspeitas, para os mal-entendidos e desconfianças. E desencadeiam-se emoções, como o medo, ou até mesmo a raiva.

Um bom relacionamento só se pode desenvolver, se houver confiança, respeito pelo outro, capacidade de ser empático, e se a harmonia estiver presente. Atitudes positivas, que busquem a plenitude de um bom



relacionamento, quando exercitadas no cotidiano, podem fazer com que seja boa a relação entre duas ou mais pessoas. Destacam-se, entre outras: ser íntegro, humilde, empático, cordial, respeitoso, dar espaço ao diálogo, ser grato, e perdoar.

- **Ser íntegro**

Sempre que pautamos por uma conduta recta, honrada e justa, nós estamos predispostos a manter relacionamentos mais saudáveis e de grande respeito. Respeito para com a verdade e respeito para com a pessoa humana.

- **Ser humilde**

Saber ser humilde é saber reconhecer a importância do outro, interessar-se pelo bem do outro. Significa que aceitamos a presença do outro no nosso meio.

- **Ser empático**

Valorizarmos os sentimentos, as angústias e necessidades do outro é fundamental, em qualquer situação. Pois o relacionamento entre as pessoas deve ser, com toda a certeza, aquele que procura compreender o outro, compadecer-se dele, perceber o seu comportamento. E é a empatia que me vai ajudar a perceber melhor o outro e, por essa via, a melhorar e fortificar uma boa relação.

- **Ser cordial**

Um dos pilares da boa educação é, com certeza, a cordialidade. Esta vai favorecer a formação de um indivíduo pronto para estabelecer com os seus relações promissoras e saudáveis.

- **Ser respeitoso**

Respeitar o outro é o começo de um relacionamento bom e saudável. Implica a aceitação do outro assim como ele é.

- **Dar espaço ao diálogo**

Quem sabe manter um diálogo bom e positivo com o outro tem meio caminho andado, para um relacionamento bom e positivo. Mas o diálogo também necessita de ser criado na base da educação e do respeito do ponto de vista do outro, em face das diferenças.



- **Ser grato**

Saber ser grato para com os outros também é uma boa atitude, para se manter um relacionamento com o outro.

- **Perdoar**

Aprender a desenvolver, dentro de nós, o dom e a prática do perdão faz de nós pessoas melhores, com a capacidade de nos libertarmos de quanto gera sentimentos ruins, dentro de nós.

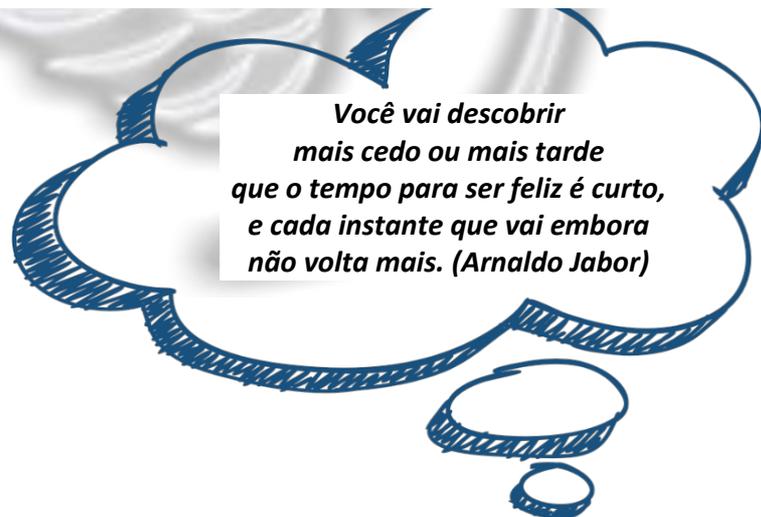
CONCLUSÃO

Todo o relacionamento envolve convivência, comunicação e atitudes de reciprocidade entre as pessoas metidas nestas relações. Quando uma pessoa não está disposta a colaborar, ou não desenvolve as atitudes necessárias, para que este relacionamento dê bons frutos, o relacionamento torna-se difícil, criando-se assim espaço para o mau entendimento, a confusão e a discórdia. Portanto, é tarefa de todos, o esforço, para que haja bom relacionamento entre nós.



Quais os Compromissos a assumir, para se manter um Bom relacionamento?

- ❖ Priorizar o dialogo sempre
- ❖ Saber ouvir
- ❖ Respeitar a todos
- ❖ Colocar-se sempre no lugar do outro
- ❖ Ser simpático para com o outro





A Boa Convivência



INTRODUÇÃO

As relações humanas são sempre iniciadas por alguma interacção entre os membros dum espaço comum. E cada comunidade / sociedade tem suas particulares regras e normas orientadoras de conduta, às quais todos devem estar atentos, de modo a não se desviarem delas.

O homem é um ser social e só se torna verdadeiramente humano, quando está inserido numa sociedade.

Primeiro, ele começa por pertencer a um pequeno grupo, a família. E, aos poucos, vai se tornando membro de grupos externos à família: grupos de amizade, de vizinhança, da escola, da igreja, da cidade; grupos profissionais; e assim por diante.

Consequentemente, a interacção com o outro, torna-se, do ponto de vista biológico e social, a condição de sobrevivência da espécie humana.

E é nesta interacção que surge a necessidade de se criarem normas de conduta e valores, que direccionem os membros da sociedade, e que nos vêm pela ética. O saber aceitar o diferente é uma atitude a exercitar, todos os dias da vida, de modo a melhorar a convivência. Assim, o homem adquire a forma social, desenvolvendo a sua personalidade, com que irá satisfazer as suas necessidades, dentro do grupo a que pertence, e criar também a consciência de pertença. Este conjunto de valores irá influenciar a convivência entre as pessoas.



OBJECTIVO

Cultivar uma vivência saudável, guiando-se por atitudes e práticas positivas de edificação mútua, de comunhão fraterna e de paz.

O QUE SE ENTENDE, COM O TERMO CONVIVÊNCIA?

Segundo o Dicionário Online de Português, convivência é o acto ou o efeito de conviver.

O ser humano não pode viver absolutamente isolado do seu grupo de pertença, uma vez que a interacção social é um factor importante, para o seu bem-estar psicossocial.

Embora cada um dos membros da sociedade tenha o seu espaço de intimidade, é sempre importante que haja momentos de interacção entre as pessoas, de modo a estabelecerem laços, que irão dar base à convivência social. Nesta interacção entre as pessoas, é importante que



haja respeito de um para com o outro, de modo que esta convivência seja pacífica e saudável. E é comum a criação de regras básicas de conduta, que irão guiar esta interação.

Uma convivência saudável precisa sempre da mútua colaboração de todos. Ainda assim, podem surgir focos de situações desagradáveis. Mas estes focos devem servir para se conhecer melhor o outro, em suas virtudes e defeitos, e para se fazer a mudança de atitudes e de comportamentos.

A convivência inicia-se no seio da família. Da família passa para a comunidade, ou sociedade, e por fim, para o mundo. Ela mostra-nos assim a capacidade, que temos, de nos relacionar com o outro. Relação esta, que tem como base o respeito pelo próximo, que é igual a nós.

O FACTO DA VIDA

O Casamento de Ricardo e Marisa

Ricardo e Marisa conheceram-se, enquanto frequentavam a Universidade. E iniciaram uma relação de namoro. Na altura de oficializarem a relação perante os familiares, marcou-se o primeiro encontro entre os mais velhos das duas famílias, de modo a manifestarem as suas vontades. E chegou-se ao consenso.

E realizou-se o casamento. Iniciaram uma vida conjunta, como marido e mulher, que compartilham o dia-a-dia.

A dificuldade começou a surgir, quando Ricardo verificou que Marisa tinha dificuldade de ser cortês e de tratar com bons modos os familiares dele. Instalou-se então entre os dois um ambiente de aborrecimento, de discórdia e de tensão.

Convocados os padrinhos de casamento, para os ajudarem a resolver a situação, primeiramente foram ouvidas ambas as partes (o casal). Seguiram-se os conselhos dos padrinhos, que foram de grande importância para o casal: evocaram a necessidade de tratar a todos sem discriminação, respeitando as diferenças entre as pessoas. E, sobretudo, observaram à Marisa que ela se devia sempre lembrar que não ficaria nada feliz, se algum dos seus familiares fosse maltratado, por alguma razão. Marisa ouviu atentamente os conselhos dos padrinhos, e fez um exame das suas atitudes, e decidiu que tinha de mudar a sua forma de tratar, não só com a família do marido, mas com toda a gente.

Moral da história: Com esta história, vemos a importância e o alcance de uma convivência saudável e harmoniosa, entre os membros de uma



família. Na qual deve prevalecer sempre o respeito das diferenças, acima de qualquer intenção pessoal.

A CONVIVÊNCIA, NA BÍBLIA

A Bíblia mostra que, desde os tempos mais remotos da história do homem na terra, há necessidade de inculcar uma responsabilidade recíproca, de amor e respeito entre as pessoas, com vista a uma boa convivência, o que nem sempre é fácil.

A presença de várias pessoas juntas, numa única comunidade, leva a um exercício individual de aceitação do outro, assim como ele é, e a respeitá-lo, acima de tudo.

A incapacidade de lidar com as características do outro, a falta de empatia, e de respeito, e de humildade, e de comunicação, a deslealdade, a traição e a transgressão das normas da boa convivência podem desencadear sentimentos de rejeição, de intriga, de falta de respeito, e desembocar numa convivência tumultuosa entre os membros.

A CONVIVÊNCIA CONFLITUOSA

Adão e Eva tiveram dois filhos. O primeiro foi Caim, e depois nasceu Abel. Juntos cresceram, até que Caim se tornou agricultor e Abel, pastor.

Em certa ocasião, os dois apresentaram e ofereceram os seus produtos a Deus. Caim apresentou os frutos colhidos do solo, e Abel ofereceu uma ovelha, por sinal a de que ele mais gostava.

A oferta de Abel é que agradou a Deus, o que gerou ciúme no seu irmão Caim. E por consequência o sentimento de inveja meteu-se na convivência dos dois.

E um dia, Caim disse ao irmão: “Vamos ao campo.” Mas quando lá chegaram, Caim atirou-se ao Abel e matou-o.

Depois de Caim assassinar Abel, Deus perguntou-lhe onde andava o seu irmão, e Caim respondeu: “Eu não sei! Serei eu porventura o protector do meu irmão? A mim não me importa o meu irmão” (cf. Gn. 4, 1-8).

Caim e Abel foram criados com a mesma educação familiar. Mas tinham personalidades e oportunidades diferentes. Facto que criou ciúme e inveja, por parte de Caim.

Com isto se pode aprender que todos nós devemos ter a capacidade de lidar com as diferenças que há entre as pessoas, aceitando e valorizando mutuamente o esforço do outro, evitando criar sentimentos de revolta,



de ciúme e inveja, que levem à tomada de atitudes desastrosas, dentro da convivência.

A família é o primeiro ambiente, em que as pessoas aprendem a socializar. Os irmãos são as primeiras pessoas, com quem se mantêm vínculos de amor, sentimentos de protecção, de fraternidade, de generosidade. Quando este laço se rompe logo na família, primeiro meio de socialização, dificilmente se conseguirão depois sentimentos bons e positivos para com as pessoas que nos rodeiam. Por esta razão, devemos prezar todos os nossos irmãos e irmãs. Quer os irmãos de sangue, quer também os que jazem na terra, sob a protecção de Deus.

A BOA CONVIVÊNCIA

As primeiras comunidades cristãs formavam-se e organizavam-se motivadas pela experiência da ressurreição de Jesus Cristo e dos ensinamentos de Deus. E estas atitudes levavam à partilha do pão e da oração diária. Isto fazia com que todos os irmãos da comunidade fossem unânimes, na prática da sua fé, através das boas acções e das boas relações entre eles. Essas comunidades primavam pela aceitação do outro, pela partilha de bens e pela distribuição de tarefas (cf. Act 4, 32-38).

Essas comunidades eram formadas de membros, que eram fiéis aos ensinamentos dos Apóstolos e viviam na simplicidade. Todos tinham os mesmos direitos, e os bens, que possuíam, eram de uso comum. A comunhão fraterna era a base da vivência dos membros das primeiras comunidades, nas quais se louvava a Deus e havia a preocupação para com os outros e reinava a prática constante da paz.

Os exemplos deixados por essas primeiras comunidades cristãs ensinam-nos a praticar sempre atitudes boas, que nos encaminhem para o cultivo e a manutenção de uma boa convivência entre todos, quer na família, quer na comunidade e/ou na sociedade.



1. Imagine-se nesta situação de convivência conflituosa, na sua família: os seus primos, após a morte dos pais, disputam a herança que os pais deixaram. Concretamente, a casa, onde habitam! Qual seria o seu papel, no conflito? Que conselho daria?



2. Confronte as suas atitudes com as das primeiras comunidades cristãs. Apresente as que o ajudam a ter uma convivência saudável.

3. Alguma vez esteve numa situação, em que não terá sido cordial com alguém? Qual atitude tomou, para emendar a situação criada?

A CONVIVÊNCIA, NA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

O Papa Francisco (Francisco, 2015b) chama-nos a viver a fraternidade, como um elemento, que contribui para a boa convivência, e que se experimenta primariamente, na família.



O laço de *fraternidade que se forma em família*, entre os filhos, quando se verifica num clima de educação para a abertura ao próximo, é uma grande escola de liberdade e paz. Em família, entre irmãos, aprendemos a convivência humana, como devemos conviver na sociedade (...). A partir desta primeira experiência de fraternidade, alimentada pelos afectos e pela educação familiar, o estilo da fraternidade irradia-se como uma promessa sobre a sociedade inteira e sobre as relações entre os povos.

A família, como sempre, é, em grande parte, a moldadora da identidade do indivíduo. Está no início de toda a nossa forma de ser e estar na sociedade. É dela que aprendemos a ser amáveis e a valorizar o outro. Pois ela é que nos transmite o modelo de relacionamento, que se deverá ter na sociedade.

Manter uma boa convivência requer, muitas vezes, do indivíduo que ele adquira e faça um auto-ensaio de algumas atitudes, que lhe vão permitir um bom ambiente, dentro das relações humanas. Estas atitudes e virtudes são várias. Apresentamos algumas, que, quando praticadas no dia-a-dia, nos ajudam a melhorar e a criar a boa convivência: ser autêntico e verdadeiro, respeitoso, alegre e optimista, paciente, empático, cordial, leal e pacífico e pacificador.

- **Ser autêntico e verdadeiro**

A autenticidade faz-nos mostrar quem realmente somos e, com isso, passar para os outros uma imagem real de quem somos. De modo que não haja espaço para possíveis especulações, na interpretação das nossas acções, e para que se eleve o respeito. Apenas a verdade é capaz de oferecer a confiabilidade. Pois sem a confiança, não há preservação da boa convivência.



- **Ser respeitoso**

Há uma frase conhecida, que diz: “O respeito é bom, e todos gostam dele.” Ao se praticar constantemente esta virtude, caminhamos para um convívio muito saudável. Pois quem pretender ser respeitado como é, deverá também respeitar o outro como ele é, aceitando-o, de forma a não criar atritos, na convivência.

- **Ser alegre e otimista**

As pessoas otimistas são alegres e iluminam qualquer ambiente. Pois sabemos que a alegria transforma e influencia a alma de qualquer indivíduo. Por isso, não se deve guardar nem economizar em simpatia e educação, para transmitir o bem-estar às pessoas.

- **Ser paciente**

Ser paciente é saber ser moderado, é saber dar-se tempo para a reflexão, evitando agir por impulso, diante de determinadas situações. Quem não cultiva a paciência, sempre achará desculpa para agir com ira para com o próximo, tornando-se, assim, uma pessoa de difícil convivência, e incapaz de dominar os seus impulsos.

- **Ser empático**

Ser empático é colocar-se no lugar do outro. A empatia faz-nos compreender os sentimentos da outra pessoa, e adivinhar o que sentiríamos nós, nas mesmas circunstâncias em que ela se encontra. E com isto, saberemos respeitar os sentimentos, as posições e opiniões do outro, de modo a não sermos pessoas insensíveis a outrem.

- **Ser cordial**

O sermos cordiais demonstra que temos boas maneiras, nas nossas atitudes, e que mostramos afectividade, na relação com o outro.

- **Ser leal**

A pessoa leal é apreciada, porque estabelece com os outros uma convivência franca e de confiança.

- **Ser pacífico e pacificador**

Esforçar-se por ser um elemento pacificador, no seio da comunidade, tanto quanto possível, trazendo a reconciliação e afastando a discórdia.

As atitudes acima descritas são apenas uma parte de tudo quanto é possível levar a cabo, como acções, e a prática constante delas.



Cultivadas e partilhadas, no dia-a-dia, por todos nós, levam a uma convivência saudável.

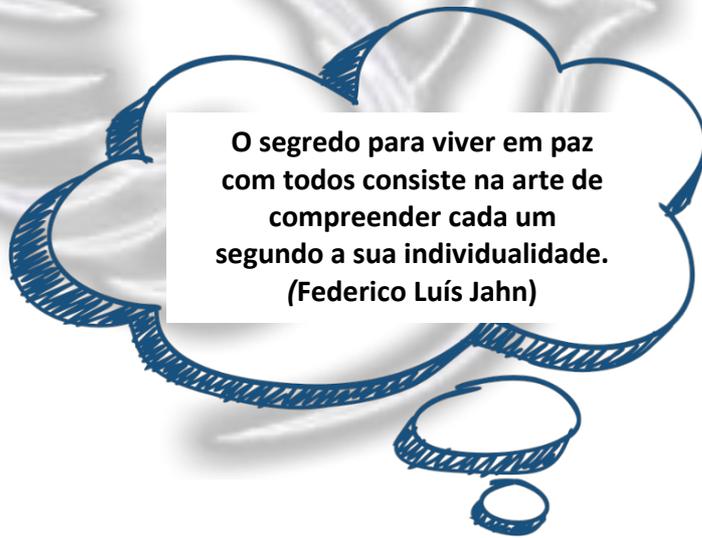
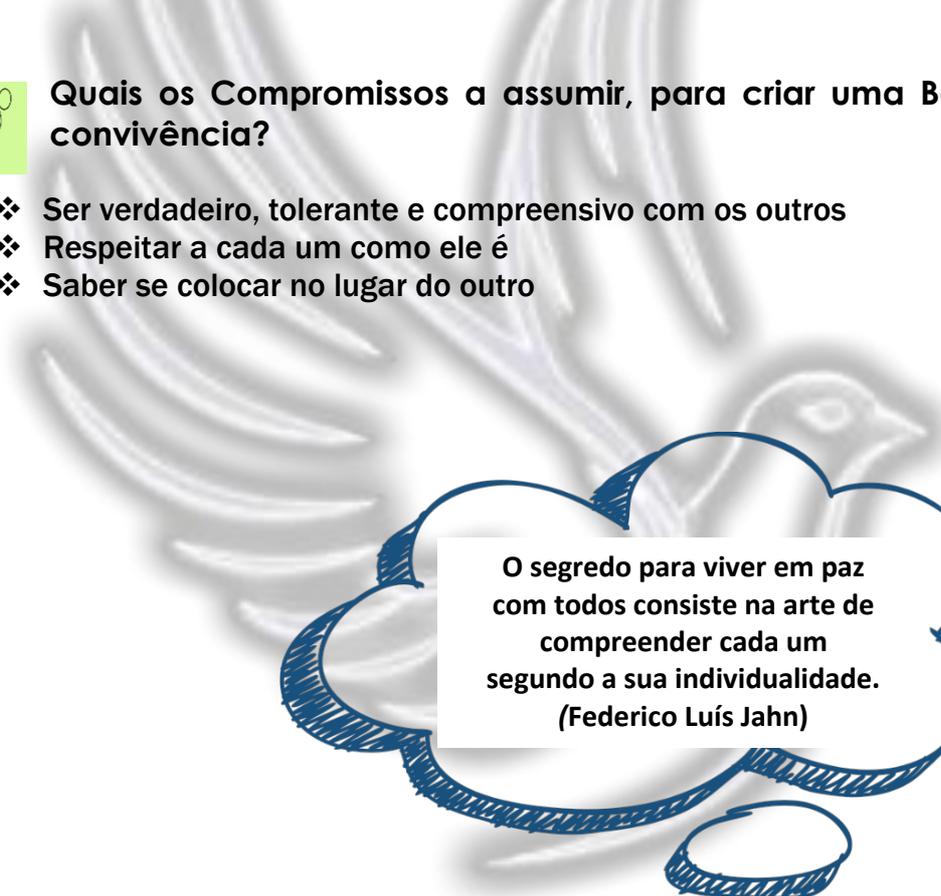
CONCLUSÃO

Nós, como seres humanos, somos seres sociais. Precisamos de estar constantemente a relacionar-nos e a conviver em grupos. E como somos todos diferentes uns dos outros, às vezes é-nos difícil mantermos uma convivência saudável. Já que, no nosso dia-a-dia, temos que lidar, constantemente, com vários tipos de pessoas, é preciso desenvolvermos algumas atitudes positivas, que nos ajudem a ter uma boa convivência, na família, na sociedade, na escola, no trabalho e em outras áreas afins.



Quais os Compromissos a assumir, para criar uma Boa convivência?

- ❖ Ser verdadeiro, tolerante e compreensivo com os outros
- ❖ Respeitar a cada um como ele é
- ❖ Saber se colocar no lugar do outro



O segredo para viver em paz com todos consiste na arte de compreender cada um segundo a sua individualidade.
(Federico Luís Jahn)



A Responsabilidade



INTRODUÇÃO

O desejo de vivermos em harmonia e em paz com os nossos concidadãos apela-nos a orientarmos todas as nossas acções para a responsabilidade. Pois, quando isto acontece, nós sabemos escolher o que fazer, diante de uma situação, que precise de uma decisão. Assim, determinamos a primazia de uma sobre a outra. Isto é, a partir do momento em que escolhemos fazer qualquer coisa, assumimos a responsabilidade por ela.

Embora haja esse desejo e forma de orientar a vida, é frequente observar situações de ausência da responsabilidade, como a responsabilidade de assumir os compromissos pessoais, familiares, públicos, laborais e ambientais, entre outros. Agindo deste modo, deixamos de resolver situações, que nos competem. Pois cada um de nós deve contribuir para a construção de uma sociedade, que viva na paz e na fraternidade.



OBJECTIVO

Suscitar a necessidade de ser responsáveis, nas diferentes situações da vida.

O QUE SE ENTENDE, COM O TERMO RESPONSABILIDADE?

As abordagens em volta do tema da responsabilidade têm várias orientações, desde as filosóficas até às jurídicas e empresariais. Mas, em termos gerais, segundo o dicionário Houaiss “a responsabilidade é conceituada como a obrigação, que a pessoa tem, de responder pelas suas acções próprias ou pelas dos outros”.

Observam-se duas vertentes da responsabilidade do indivíduo. Na primeira, responde pelas suas acções. E na segunda, responde pelas acções dos outros. Ou seja, há uma responsabilidade individual, e uma responsabilidade colectiva.

Assumimos a nossa responsabilidade individual, quando decidimos exercer as nossas obrigações, que podem ser pessoais ou sociais. Isto é, as nossas acções podem ter repercussões, tanto para nós, como para a sociedade. Podendo assim aferir-se que a responsabilidade pode ser pessoal e social.

A higiene pessoal é uma necessidade básica do corpo e essencial para a saúde. Deve ser feita e mantida, nas melhores condições, sendo, até



mesmo, importante, para a parte emocional do ser humano. Assim, respeitando esta necessidade básica, nós assumimos uma das responsabilidades pessoais, se não a primária, para além das outras responsabilidades individuais, nos diferentes ambientes.

Na escola, como estudantes, cada um de nós tem a responsabilidade de cumprir com as obrigações escolares, que são: fazer as tarefas de casa, chegar a tempo à sala de aulas, acompanhar as aulas tomando notas, não interromper as aulas, não perturbar os colegas, manter limpos os espaços, respeitar os colegas e os professores, fazer as provas nos dias indicados, seguir o regulamento escolar. São várias, entre tantas outras responsabilidades, que se poderiam apontar.

No sector do trabalho, todo o trabalhador tem o dever de cumprir, de forma profissional, com as suas tarefas e obrigações laborais. Ou seja, cumprir com os horários de trabalho, desenvolver as várias tarefas que lhe são atribuídas, participar nas actividades sociais da empresa ou instituição, sentir-se membro da instituição, e colaborar positivamente para o desenvolvimento dela.

Nesta abordagem da responsabilidade individual-social, em que observamos as obrigações do indivíduo, em relação ao meio, em que vive, e às pessoas, que estão à sua volta, podemos fazer referência à responsabilidade civil, à responsabilidade profissional, à ambiental, à jurídica, à cívica, à moral e à religiosa.

Na sociedade, cada um de nós tem a responsabilidade de cumprir as suas obrigações sociais, tais como: honrar com os seus compromissos, valorizando o próximo; proteger o ambiente, evitando a poluição atmosférica e ambiental; cuidar da postura das cidades, cuidando dos edifícios, dos espaços públicos e privados, respeitando as sinalizações. São algumas entre outras muitas acções, que demonstram responsabilidade pelo bem-estar social.

Assim, doar um pouco do seu tempo para actividades voluntárias, ajudar os necessitados, cuidar das sacolas plásticas, dos recipientes plásticos, das latas dos refrigerantes; limpar a cidade; conhecer melhor os candidatos das próximas eleições, votar de forma livre, e exercer a sua cidadania, são outras tantas formas de comportamento socialmente responsável, e constituem para cada um de nós uma responsabilidade social. Esta define o que realmente somos, e o mundo, que queremos, para nós e para os outros.



A responsabilidade colectiva ocorre, quando já se não trata de um indivíduo específico com determinada obrigação, mas, sim, de toda a comunidade que tem obrigações de tornar algo possível. A impunidade, que se observa na nossa sociedade, e que é movida pela corrupção e pelo desejo de satisfação individual; a poluição do mar e atmosférica; a fraca qualidade do ensino; a fraca qualidade das obras públicas; os desvios dos recursos... Estes e tantos outros actos constituem algumas das responsabilidades colectivas do povo moçambicano. Porque tudo isto ocorre sob o olhar impávido de cada um de nós.

O FACTO DA VIDA

O senhor Jorge, sobre a educação do Bruno

Todas as noites, era a mesma coisa. O Bruno, meu filho de 4 anos, deixava os seus brinquedos espalhados pela casa toda. Eu tentava fazer com que ele guardasse tudo, antes de ir para a cama. Mas o Bruno ficava fora de si, gritando e fazendo brincadeiras. Às vezes, eu ficava tão frustrado, que gritava com ele, mas isso só nos deixava ainda mais chateados. Eu queria que a hora de dormir fosse agradável. Por isso, desisti de forçá-lo, e simplesmente passei eu mesmo a arrumar a bagunça.



1. O que acha da atitude do senhor Jorge?
2. Será que ele agiu assumindo a sua responsabilidade na educação do seu filho?
3. Que tipo de homem será o Bruno?

A RESPONSABILIDADE, NA BÍBLIA

À luz da Bíblia, o homem é responsável pelos actos que pratica. Pois, desde a criação, Deus deu ao homem o poder de decidir e de governar sobre toda a terra e sobre todos os bens da criação, para além de lhe ter dado o poder de escolher entre o bem e o mal.

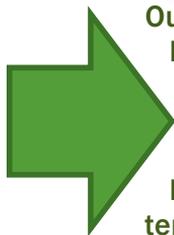




Deus disse: “Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis, que rastejam pela terra.” Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher. Abençoando-os, Deus disse-lhes: “Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais, que se movem na terra.” Deus disse: “Também vos dou todas as ervas, com semente, que existem à superfície da terra, assim como todas as árvores de fruto, com semente, para que vos sirvam de alimento” (Gn 1, 26-29).

A história da criação pode oferecer-nos um caminho, para compreendermos a responsabilidade que todos temos. Pois, desde as origens, Deus deu ao ser humano a responsabilidade de velar pela criação, de modo a servir-se dela, em todos os tempos. Na criação, Deus dotou o ser humano de inteligência, pois o fez à sua imagem e semelhança: deu-lhe o poder de decidir o que fazer, diante das várias situações da vida. Assim, o ser humano é responsável por todas as suas acções, que quase sempre têm repercussões, para ele e para a sociedade.

A responsabilidade do homem, na criação, além de estar relacionada com a obrigação, que tem, de assumir as consequências dos seus actos, também está associada ao cumprimento de princípios, que orientam as atitudes da pessoa, na sociedade, em que se insere.



Ouvistes o que foi dito: *Amarás o teu próximo* e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, digo-vos: *Amai os vossos inimigos* e orai pelos que vos perseguem. Fazendo assim, tornar-vos-eis filhos do vosso Pai, que está no Céu. Pois Ele faz com que o Sol se levante sobre os bons e os maus, e faz cair a chuva sobre os justos e os pecadores. Porque, se amais só os que vos amam, que recompensa haveis de ter? (...) Portanto, sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste (Mt 5, 43-48).

No evangelho de Mateus, Jesus nos apresenta a necessidade de vivermos no amor fraterno e não odiarmos os nossos inimigos. Esta prescrição autenticamente revolucionária traz-nos a possibilidade de abrirmos espaço à mais perfeita convivência. Vem atribuir a cada um de nós a responsabilidade de amarmos ao próximo, amigo ou inimigo, para construirmos uma sociedade fraterna.



A responsabilidade remete-nos para a obrigatoriedade de cumprirmos determinadas regras impostas pela sociedade, em que nos encontramos. Quando assim agimos, assumimos a responsabilidade individual e social. Neste contexto, queremos dizer que cada um de nós tem várias responsabilidades ligadas a si próprio e ao meio, em que se encontra.

Na carta aos Romanos São Paulo recorda-nos que prestaremos contas das nossas acções: "Portanto, cada um de nós terá de dar contas de si mesmo a Deus." (Rm 14, 12). Nesta passagem, a nossa responsabilidade implica sermos conscientes, em todos os momentos e em cada escolha da nossa vida. Assim, a pessoa que é responsável desenvolve todas as suas acções consciente das suas consequências, podendo de igual modo assumi-las.

A RESPONSABILIDADE, NA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

O Papa João XXIII (1963), na Encíclica *Pacem in Terris*, discerne a questão da paz. Nela destaca que o sentido de responsabilidade deve buscar um agir responsável e livre, e que uma convivência baseada em relações de força apenas reprime a pessoa, em vez de a estimular a buscar o seu próprio desenvolvimento e aperfeiçoamento.

O Papa Francisco (2013b), na sua homilia inaugural do papado destacou a necessidade de um bom discernimento, nesta busca do agir responsável, e referiu que



quando o homem falha nesta responsabilidade, quando não cuidamos da criação e dos irmãos, então encontra lugar a destruição, e o coração fica ressequido. Infelizmente, em cada época da história, existem 'Herodes', que tramam desígnios de morte, destroem e deturpam o rosto do homem e da mulher.

Nestas palavras de apelo, o sumo Pontífice não nos quer chamar Herodes, mas sim, dizer-nos que, sempre que deixamos de cumprir as nossas responsabilidades, muitas coisas negativas podem acontecer, tais como: o consumo de drogas, a violência, o baixo rendimento nas instituições, a fome, a pobreza e os conflitos pela busca de sustento. E cria-se, assim, uma instabilidade social.

Para além destas palavras, Francisco fez aos dirigentes um apelo:





Queria pedir, por favor, a quantos ocupam cargos de responsabilidade, em âmbito económico, político ou social, a todos os homens e mulheres de boa vontade: sejamos ‘guardiões’ da criação, do desígnio de Deus inscrito na natureza, guardiões do outro, do ambiente; não deixemos que sinais de destruição e morte acompanhem o caminho deste nosso mundo.

Nestes apelos à responsabilidade, fica claro que a falta desta, quer por parte dos dirigentes, quer por parte de cada um de nós, acaba por ser a causa dos vários problemas sociais, causando a destruição do próprio homem e da natureza à sua volta. Somos chamados a ser cada vez mais responsáveis pela salvaguarda da criação e de tudo o que nela existe.

O Pontifício Conselho “Justiça e Paz” (2004) não ficou alheio a este tema da responsabilidade, que é uma obrigação de todos, perante os inúmeros desafios do mundo actual. Recordou-nos que o homem deve encontrar a *verdade própria do ser-homem*, que o oriente para a relação entre a natureza, a técnica e a moral, como elementos, que contribuem, decisivamente, para a responsabilidade pessoal e colectiva, em vista dos comportamentos, que se devem ter, em face daquilo que o homem é, e do que pode fazer e do que deve ser.

Um segundo desafio é o da *compreensão e gestão do pluralismo e das diferenças*, a todos os níveis: do pensamento, da opção moral, da cultura, da adesão religiosa, do progresso humano e social.

Em terceiro lugar a *globalização*, que tem um significado mais amplo e profundo do que o simplesmente económico, pois que se abriu na história uma nova época, que concerne ao destino da humanidade. (cfr nº 16)

O Conselho Pontifício orienta-nos, em primeiro lugar, para conhecermos as nossas responsabilidades, como seres humanos. Isto deve orientar-nos nas nossas atitudes quotidianas, olhando para o homem como um ser divino capaz de amar e de ser amado, capaz de cuidar dos mais novos e dos mais velhos, sem distinção. Isto é, se o ser humano é divino, então todos somos responsáveis por ele e devemos cuidar dele, e amá-lo e respeitá-lo.

O segundo elemento destaca a compreensão e a gestão do pluralismo e das diferenças, a todos os níveis. O que significa que, sendo as sociedades entidades culturais distintas, se deve considerar fundamental a questão das diferentes relações culturais e morais. Tal atitude nos leva a respeitar as diferenças, que as culturas apresentam, além das



diferenças de opiniões. Tudo em prol do desenvolvimento social. E também a velar pela criação, em prol do bem comum.

Em última instância, a globalização deve ser usada como um mecanismo, para chegar a todos, promovendo o bem-estar, e valorizando as culturas das diferentes nações.

CONCLUSÃO

Nas nossas acções, devemos sempre pensar na responsabilidade. Esta pode ser individual e colectiva, para além da social, que envolve tanto a individual como a colectiva.

Como pessoas, temos obrigações pessoais, inerentes a nós mesmos. Mas como membros da sociedade, também temos responsabilidades, que se referem à sociedade em geral.

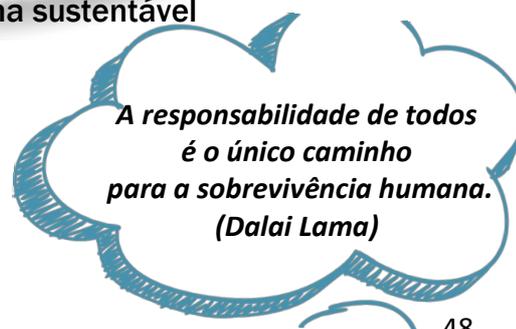
A sociedade, por sua vez, como uma entidade colectiva, tem as suas responsabilidades, que são colectivas. Às quais todos nós devemos responder.

Portanto, é importante tornar-nos cada vez mais responsáveis, nos nossos compromissos, e nas nossas actividades do dia-a-dia. Considerando sempre que cada compromisso não cumprido tem resultados negativos na sociedade, e que todos, directa ou indirectamente, arcam com as consequências deste acto.



Quais os Compromissos a assumir, para ser responsável?

- ❖ Responder às minhas obrigações, na família, no bairro e na sociedade em geral
- ❖ Proteger a vida humana e as estruturas sociais
- ❖ Tomar decisões que privilegiem o bem comum
- ❖ Contribuir para o progresso das pessoas e da sociedade, nas políticas e na sua implementação
- ❖ Preservar o meio ambiente
- ❖ Usar o meio ambiente, de forma sustentável



A Solidariedade



INTRODUÇÃO

Nós vivemos uma rede de relações humanas, tanto real como virtual, que nos põe em relação uns com os outros. Somos, existimos, porque vivemos, no meio de uma comunidade. Somos parte de uma família e, alargando os horizontes, somos parte da família humana. Portanto, nada do que é humano nos pode deixar indiferentes, porque não vivemos de solidão, mas de relação, de amor e de abertura ao outro. Enfim, vivemos em comunhão uns com os outros. E tal comunhão leva-nos à solidariedade. Somos parte uns dos outros e temos um destino comum. Portanto, partilharmos o que somos e temos é intrínseco à natureza humana, e faz nos progredir juntos, como pessoas, e como família humana. Prestando atenção, em particular às pessoas mais frágeis e necessitadas, muitas vezes fruto das desigualdades sociais, dando voz aos que a não têm, ou ajudando-os a tê-la, construímos um mundo mais justo e fraterno.



OBJECTIVO

Despertar uma consciência solidária e assumir atitudes de partilha, sem esperar nada em compensação.

O QUE SE ENTENDE, COM O TERMO SOLIDARIEDADE?

A solidariedade é uma atitude e um valor, pelos quais uma pessoa se sente unida e ligada, por interesses e ideais comuns, ao grupo, comunidade ou sociedade, a que pertence. Isto significa que a solidariedade põe em relevo a dimensão colectiva da responsabilidade humana. Ou seja, num dado agregado, cada pessoa é participante da responsabilidade de todo o grupo. Por outras palavras, de alguma forma, o grupo é responsável por cada um dos seus membros. Cada um responde, assim, ao apelo que lhe vem do outro, e se deixa tocar pela sua presença, convencido de que a sua vida depende da vida do outro, e vice-versa.

O FACTO DA VIDA

Na família, aprendemos a partilhar o que temos. E a comida chega para todos: as porções são feitas, consoante o número de pessoas, e ninguém fica excluído; o alimento sobra até, para alguém que possa chegar em cima da hora.



Quando alguma calamidade natural, ou um desastre, afecta um país, desencadeiam-se campanhas de solidariedade, quer a nível nacional, quer a nível internacional, para aliviar o sofrimento das povoações afectadas.

Infelizmente, porém, assistimos também a muitas situações de predomínio e de indiferença. Como quando alguém quer progredir à custa dos outros. Ou quando alguém esquece os próprios pais, ao subir na sua carreira. Ou quando alguém deixa sozinhas as pessoas idosas ou hospitalizadas: como elas já não produzem, considera-as inúteis e “descartáveis”, deixadas de lado, marginalizadas.

A realidade local torna-se espelho da realidade global, em que prevalece a injustiça social, económica e política; em que são violados os direitos humanos fundamentais; em que os países pobres, ou antes, empobrecidos, são deixados à margem, ou, pior ainda, são explorados; em que se criam estruturas arbitrarias, que não favorecem o desenvolvimento integral de todas as pessoas e de todos os povos, mas beneficiam só alguns, que enriquecem, em detrimento de outros.

E conseqüentemente, a interdependência cria uma diferenciação cada vez maior, entre os que têm e os que não têm; entre os que conhecem e os que desconhecem. E cresce cada vez mais a desumanização da sociedade.

A SOLIDARIEDADE REMETA PARA A INTERDEPENDÊNCIA

As pessoas e os povos fazem parte da família humana e, como tal, participam dos mesmos bens e do destino comum. Portanto, se queremos um desenvolvimento integral, necessitamos de recuperar o sentido de pertença, de interdependência, de cooperação. É preciso, enfim, recuperar a solidariedade, como componente ética básica da vida humana e, mais concretamente, da vida social. “A sua dor é a minha dor, a minha riqueza é a sua riqueza, a sua salvação é a minha salvação”, reza um provérbio Africano.

A solidariedade opta por criar comunhão, entre as pessoas e entre os povos, por caminhar juntos, por favorecer condições mais humanas de vida, e por agir, para ter um futuro melhor, alicerçado na justiça e na paz. A sabedoria Africana conserva este sentido comunitário: “Se quiseres ir depressa vai sozinho, mas se quiseres ir longe vai com os outros.”

Há um liame de interdependência, entre as pessoas. E, num horizonte amplo, entre os povos.



Os recursos da terra são um bem destinado a todos. Há igualdade entre as pessoas, e temos em nossas mãos o poder de construir ou destruir o mundo, em que vivemos.

A migração epocal, que estamos a viver, e que é consequência de guerras ou de sociedades injustas, e o aquecimento global, devido à exploração imprópria dos recursos da terra, são alguns dos sinais, que nos mostram como as nossas acções individuais e institucionais trazem consigo consequências, que afectam a todos, como disse Martin Luther King, activista não violento dos direitos humanos e da democracia: **“O que afecta directamente uma pessoa, afecta a todos indirectamente.”**

A SOLIDARIEDADE CHAMA À RESPONSABILIDADE

Quantas pessoas são assaltadas, quantas têm dificuldade de ter o pão de cada dia, quantas vivem em situações precárias, quantas não têm acesso aos direitos fundamentais, tais como a saúde e a educação, ou são lesadas em seus direitos.

Quantas vezes, perante estas e outras situações, nós respondemos ou ouvimos responder: “não é comigo”. Ou seja, exprimimos a falta de assunção de responsabilidade; ou escolhemos a atitude do «deixa andar», ficando simplesmente a olhar, e às vezes, até a julgar.

Perante ocorrências, que se cruzam com a nossa vida, nós temos que decidir se vamos interessar-nos ou ficar indiferente, se vamos envolver-nos ou excluir-nos. Temos de perguntar-nos: “quem precisa dos meus cuidados, da minha generosidade e criatividade?”

Há organizações religiosas ou humanitárias, empresas ou pequenos grupos, que promovem campanhas de solidariedade, em situações de emergência, tais como guerras e catástrofes, ou em condições de precariedade, como é o caso dos idosos e crianças. E providenciam produtos alimentares, bens de primeira necessidade, recursos humanos apropriados à situação, e tudo quanto possa aliviar o sofrimento das vítimas. Estes e outros exemplos de gestos de solidariedade são louváveis, e têm que se incentivar. Porque despertam a atenção ao sofrimento do outro, a generosidade e a gratuidade. Mas a solidariedade vai mais além dessas respostas pontuais dadas a acontecimentos específicos. A solidariedade requer uma mudança de mentalidade.



A SOLIDARIEDADE, NA BÍBLIA

Folheando a história da salvação, percebemos que Deus é o defensor de quem não tem protector da vida, nem dignidade.

Desde o começo, Deus escolheu os seres humanos, não só como indivíduos, mas como membros de uma comunidade: um povo peregrino, à busca da vida para todos.

Deus mostra-se solidário: ouve o clamor do seu povo escravizado no Egito, sente o sofrimento dele e, solícito para com as suas necessidades, desce, a fim de o libertar (cf. Ex. 3,7-12).

Se Deus é solidário, o seu povo também é chamado a ser solidário, a colocar-se ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade.

De facto, a primeira exigência da solidariedade é para com as pessoas carentes, mais necessitadas e desprotegidas.

Por isso, impulsionar a solidariedade entre os membros de uma comunidade e a solidariedade para com os pobres, é começar a assumir uma mentalidade de aproximação, de doação, de serviço e de gratuidade.

Todavia, este é apenas o primeiro degrau, para aperfeiçoar uma solidariedade mais activa, que opte pela igualdade das pessoas, pela distribuição dos bens, pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados e marginalizados, evitando, assim, as consequências nefastas da injustiça e da indiferença.

Lucas, evangelista, relata um exemplo tirado da vida, que se desenrola, a partir de uma pergunta simples, e ao mesmo tempo provocadora, colocada a Jesus por um doutor da lei: “Quem é o meu próximo?”.



Certo homem descia de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote, que, ao vê-lo, passou ao largo. Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante. Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho; colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele. No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: “Trata bem dele, e o que gastares a mais, pagar-to-ei, quando voltar.” (Lc. 10, 30-35).



Aquela indiferença assumida pelo sacerdote e pelo levita distancia-os da pessoa semimorta encontrada no caminho. A solidariedade escolhida pelo samaritano leva-o a assumir aquela realidade como própria, a sair de si mesmo e a reconhecer o outro. Por consequência, outras atitudes se seguem: aproximar-se, ficar perto, respeitar, ter compaixão, ou seja, sentir o sofrimento do outro como parte de si, dedicar-lhe tempo e colocar-se ao seu serviço.



1. Qual seria a sua atitude se passasse por aquele caminho e encontrasse a situação acima descrita?
2. Qual é a sua resposta, quando alguém em necessidade bate à porta?
3. Como usa dos bens à sua disposição?
4. Como se relaciona com os demais e com os bens dos outros?
5. Se tivéssemos de atualizar a história...?

A SOLIDARIEDADE, NA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

A solidariedade “significa muito mais do que alguns actos esporádicos de generosidade; supõe a criação duma nova mentalidade, que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns” (Francisco, 2013a, nº 188).

A vida é sagrada, é um bem precioso a salvaguardar, com muito carinho e determinação. É uma primazia, pela qual é imperioso lutar contra todo o tipo de acumulação ou poder, que a deprecie ou a elimine. O amor pela vida humana, em particular pela das pessoas pobres e marginalizadas, requer de nós que nos aproximemos delas, com ternura, e as levantemos, da sua situação de marginalização e descarte, oferecendo-lhes dignidade e inclusão na sociedade.

A solidariedade, até mesmo a solidariedade global, requer acções, que restituam às pessoas o que lhes é devido: a sua dignidade e a possibilidade de se desenvolverem, “com a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum... porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos” (CDSI, nº 193). Temos que assumir uma mentalidade nova, que vivencie a solidariedade “como a decisão de devolver ao pobre o que lhe corresponde” (Francisco, 2013a, nº 189), construindo, assim, uma sociedade mais justa e mais fraterna.

A solidariedade “exprime, em síntese, a exigência de reconhecer, no conjunto dos liames, que unem entre si os homens e os grupos sociais, o



espaço oferecido à liberdade humana, para prover ao crescimento comum, que todos partilhem” (CDSI, nº 194).

Tal promoção progressiva implica que se tome a solidariedade “antes de mais nada, no seu valor de princípio social ordenador das instituições” (CDSI, nº 193), com base no qual as estruturas injustas devem ser revistas e transformadas em estruturas de solidariedade. Além de ser um princípio social, a solidariedade é também “uma autêntica virtude moral... eleva-se ao grau de virtude social fundamental” (CDSI, nº 193). Por isso, está ligada aos valores fundamentais da justiça - que se manifesta, em primeiro lugar, na repartição dos bens - e da liberdade, e da igualdade e da participação.

CONCLUSÃO

Cultivemos um coração sensível e capaz de prestar atenção a quem nos rodeia.

Tenhamos mãos abertas para apertar outras mãos.

Repartamos o que somos e temos – talentos, tempo, bens espirituais e materiais – com gratuidade, com generosidade e sem esperar nada em paga, fazendo-o com humildade e simplicidade, carinho e ternura. Respeitemos o outro, apostando na proximidade e criando relações, que facilitem o diálogo e a ajuda.

Em contrapartida, haverá um crescimento pessoal e comunitário, ou seja, um desenvolvimento humano, que desperta, assim, a responsabilidade social, para uma cidadania mais consciente e para a criação de condições, para que haja maior inclusão social. Esta pode necessitar de leis, de regras e ordenamentos, que a favoreçam.

A solidariedade de tipo meramente assistencial mostra-se insuficiente, apesar de não deixar de ser necessária.

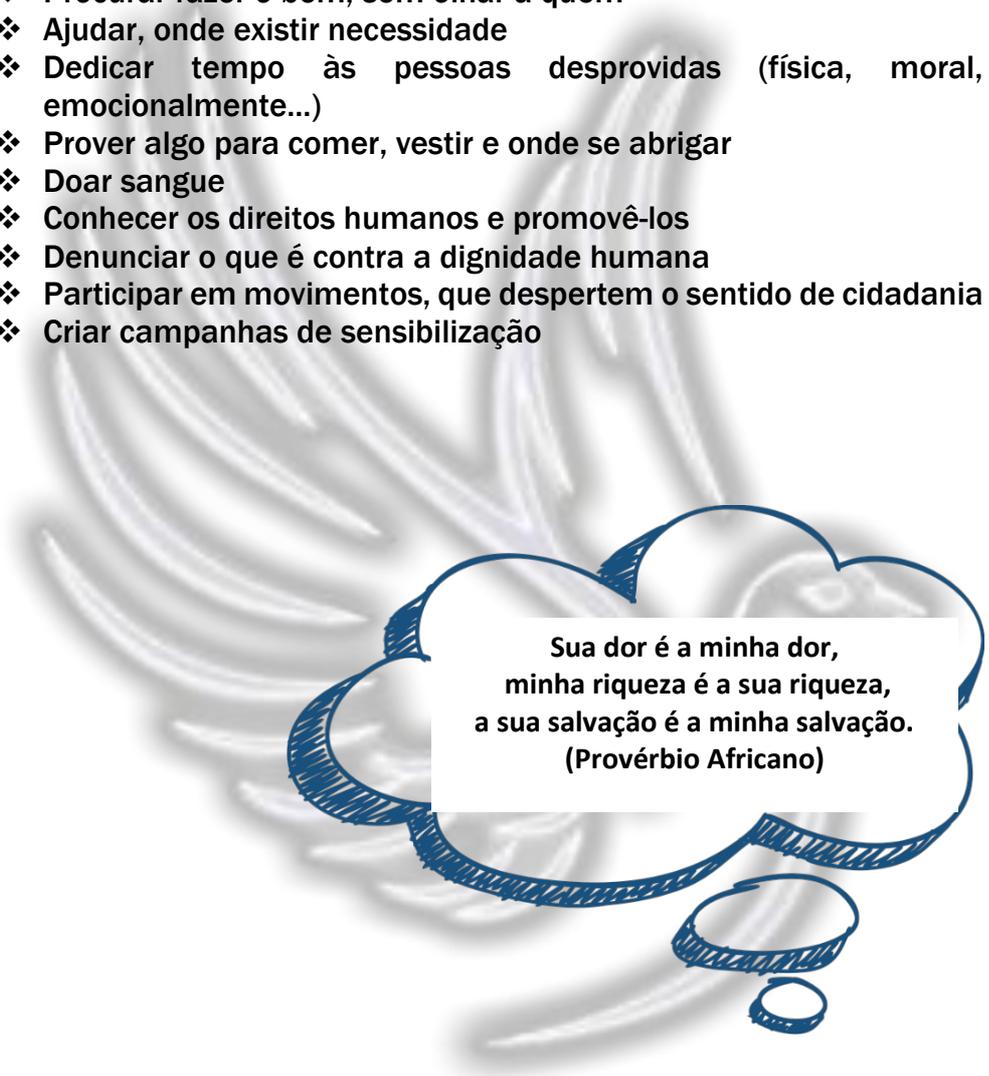
Se quisermos construir um mundo, em que as pessoas possam viver uma vida plenamente humana, necessitamos de encontrar caminhos concretos de acção solidária, tais como: denunciar as injustiças, a partir do conhecimento da realidade e de uma reflexão em conjunto; defender a promoção dos direitos humanos, desde os fundamentais, como a educação e a saúde; agir eficazmente, em círculos concêntricos: o individual, o comunitário, o nacional e até chegar às instituições internacionais, para resolver os problemas tais como o da paz, o da pobreza e o do cuidado do meio ambiente, a nossa “casa comum”.





Quais os Compromissos a assumir, para tornar-se uma pessoa solidária?

- ❖ Animar e motivar as pessoas
- ❖ Procurar perceber as preocupações
- ❖ Partilhar o conhecimento, a criatividade, os talentos, as capacidades
- ❖ Procurar fazer o bem, sem olhar a quem
- ❖ Ajudar, onde existir necessidade
- ❖ Dedicar tempo às pessoas desprovidas (física, moral, emocionalmente...)
- ❖ Prover algo para comer, vestir e onde se abrigar
- ❖ Doar sangue
- ❖ Conhecer os direitos humanos e promovê-los
- ❖ Denunciar o que é contra a dignidade humana
- ❖ Participar em movimentos, que despertem o sentido de cidadania
- ❖ Criar campanhas de sensibilização



Sua dor é a minha dor,
minha riqueza é a sua riqueza,
a sua salvação é a minha salvação.
(Provérbio Africano)



A Honestidade



INTRODUÇÃO

Como pessoas nascemos, crescemos, nos relacionamos e nos desenvolvemos continuamente. Se tivermos valores de referência e exemplos coerentes de familiares e amigos, adquirimos, paulatinamente, ao longo da vida, a honestidade de maneira individual e progressiva.

O desafio de sermos honestos, nos diversos contextos, tais como em casa com a família, pelo caminho, na escola e no serviço, e até na diversão, impele-nos a sair de nós mesmos e a procurar o bem do outro, mais do que o nosso próprio interesse. E a vencer a falsidade, a corrupção, e as relações de intimidação e de medo associadas à ideia de poder e domínio. E a optar pelo respeito, pela verdade, pelo direito do outro e pela igualdade social.



OBJECTIVO

Despertar atitudes de honestidade, nos lugares, onde estivermos.

O QUE SE ENTENDE, COM O TERMO HONESTIDADE?

A palavra *honestidade* provém do latim *honestas*, que significa dignidade e honra, e se associa à integridade e à compostura. É um modo de vida coerente entre o agir, e o sentir e o falar. É uma qualidade de ser verdadeiro, que acompanha a humildade.

A HONESTIDADE PARA CONNOSCO

Ser honesto exige o desapego, do proveito e ganho pessoal, pelo facto de que, muitas vezes, a verdade não pode ser totalmente benéfica para nós. Queremos que os outros nos digam a verdade e sejam sinceros e honestos para connosco. Mas, antes de mais, necessitamos de ser honestos para connosco mesmos, como se pode ver na frase do Nobel da Paz, Nelson Mandela: “A prioridade é sermos honestos connosco. Nunca poderemos ter um impacto na sociedade, se não nos mudarmos primeiro. Os grandes pacificadores são pessoas de grande integridade e honestidade, e também de humildade.”

Ser honestos para connosco requer uma boa consciência, o autoreconhecimento dos nossos limites, a capacidade de reflectir sobre as nossas atitudes, sobre os nossos sentimentos e comportamentos; e,



às vezes, requer também a capacidade de nos envergonharmos dos actos feios, que podemos fazer, e de nos arrependermos, e de mudarmos, libertando-nos, assim, da vida dupla, e firmando-nos, cada vez mais, na coerência de vida, entre as virtudes e o agir em conformidade com elas.

A HONESTIDADE, NA VIDA SOCIAL

Uma pessoa honesta não mente, mesmo que isso lhe traga consequências desagradáveis. Não induz em erro outras pessoas, para executarem acções prejudiciais. E não se apodera do que não lhe pertence, nem muito menos tenta removê-lo, através da força ou de coerção.

Portanto, quem é honesto diz a verdade, age de forma recta e transparente, sem enganar nem cometer fraudes, e respeita as pessoas e os bens dos outros.

Consequentemente, aprender a ser uma pessoa honesta é vital para a convivência saudável entre as pessoas e para a manutenção de um bom relacionamento familiar e social.

O FACTO DA VIDA

Entre nós, cantilenas como: “gatunos roubaram celular”; “registaram-se fraudes, nos concursos de admissão”; “produziram-se declarações falsas” e “houve desvio de dinheiro público” tornaram-se, infelizmente, uma coisa diária, normal, quase como o comer e o dormir. As conversas entre amigos ou vizinhos enchem-se destas tristes notícias, que circulam rapidamente, criando um clima de desconfiança e suspeita.

A falta de honestidade assusta, gera medo e insegurança, nas relações, e faz-nos esquecer daquela regra de ouro: “não faças aos outros o que não queres que te façam a ti”.

Andamos mergulhados na mentira e numa mentalidade, que coloca acima de tudo o interesse próprio e a ganância, visando levar vantagem em detrimento dos outros. As pessoas honestas, que agem correctamente, são, muitas vezes, chamadas “caretas”, ou são humilhadas.

Precisamos de cultivar uma vida imbuída de autenticidade, de coerência e de amor ao bem comum. Precisamos de criar círculos de integridade, que favoreçam a expansão da vida honesta.



A HONESTIDADE E A FALTA DELA

A honestidade está relacionada com a confiança, que em nós se deposita. E com a responsabilidade, perante o bem de terceiros. E com a manutenção dos seus direitos.

É muito fácil encontrar a falta de honestidade, quando se instala a fascinação pelos lucros, pelos privilégios e benefícios fáceis, pelo enriquecimento ilícito, em particular pelos cargos, que outorgam autoridade, e que têm a confiança colectiva.

Vejamos os seguintes exemplos da falta de honestidade:

- Cabular
- Falsificar dados
- Desviar produtos destinados a um determinado fim
- Ser nepotista



1. Qual destas quatro alíneas mexe mais com a sua vida?
2. Que sente, perante estes exemplos?
3. Que tem vontade de dizer, diante disto?
4. Como se podem inverter estas ocorrências?
5. Vê se encontra alguns exemplos de pessoas honestas.
6. Quais são as atitudes/características de uma pessoa honesta?
7. Lembra-se de alguma situação, em que foi honesto/a?

A HONESTIDADE, NA BÍBLIA

A pessoa honesta pratica actos bons, procura a verdade, o bem e o que é melhor. Mostra-se íntegra, na vida familiar, social e profissional. Ou seja, não mente, não rouba e não engana. Respeita os outros e o bem comum, sem querer levar vantagem, tornando-se, assim, uma pessoa de confiança, pacífica e amigável.



Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é nobre, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é respeitável, tudo o que possa ser virtude e mereça louvor, tende isso em mente. (Fl 4,8)

Muitas vezes, apontamos a falta de honestidade nos outros, e não percebemos que também nós corremos o risco de falar de honestidade e, ao mesmo tempo, atolar-nos na hipocrisia, se não começarmos pelas coisas pequenas, que parecem insignificantes. Tais como: uma mentira



aos pais, uma caneta que se tira ao colega, porque “achado não é roubado”, ou uma informação que se oculta aos amigos. São os pequenos gestos do dia-a-dia que revelam a nossa postura e quanto está formada a nossa consciência, avaliando as escolhas que fazemos. Segundo o evangelho de Lucas, “Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito; e quem é infiel no pouco, também é infiel no muito.” (Lc 16,10).

A HONESTIDADE, NA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

A honestidade é uma daquelas “atitudes morais fundamentais, em toda a convivência, que se queira dizer verdadeiramente humana” (CDSI, nº 134). E necessitamos de desenvolvê-la, como pessoas, para podermos transformar a sociedade.

A honestidade está ligada à busca contínua da verdade, que faz com que as pessoas e os grupos sociais se afastem do arbítrio e “se conformem com as exigências objetivas da moralidade.” (CDSI, nº 198). Também o uso do dinheiro reclama a “necessidade de transparência e honestidade, no agir pessoal e social.” (CDSI, nº 198)

A honestidade é um princípio ético fundamental, para viver em comunidade com os outros, respeitando não só as pessoas, mas também o bem de cada pessoa, que “está necessariamente relacionado com o bem comum” (CIC, nº 1905).

A honestidade é aquela virtude que nos leva a “fazer o bem”, e a “fazê-lo bem feito” e a “fazer o bem comum”, entendido como “o conjunto das condições sociais, que permitem, tanto aos grupos como a cada um dos seus membros, atingir a sua perfeição, do modo mais completo e adequado” (CIC, nº 1906).

Quando alguém escreve nas paredes da escola, ou quebra um poste, ou danifica um banco de praça, está a ser desonesto. Porque está a tirar o direito de todos usufruírem daquele bem ou serviço, nas melhores condições. Precisamos de cuidar do bem que é de todos.

CONCLUSÃO

As situações de falta de honestidade, com que nos deparamos, no dia-a-dia, devem ajudar-nos a reflectir, sobre a importância de mudarmos de atitude e de comportamento, e sermos coerentes. Isto vai nos ajudar a construir comunidades honestas, justas e pacíficas, bem como a distanciar-nos da falsidade e a assumirmos a integridade nos nossos compromissos diários.



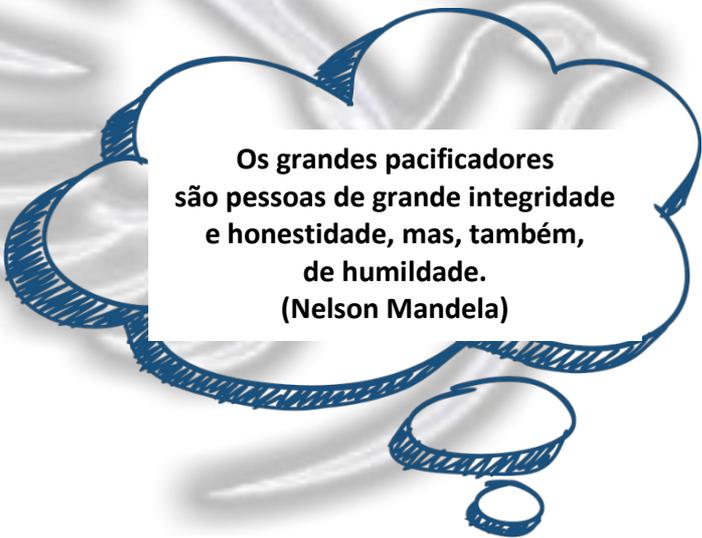
Somos chamados a viver vidas honestas e íntegras, connosco e com os outros, e a ser solícitos pelo bem comum, em todas as circunstâncias, e não só quando somos vistos pelos outros.

Além do compromisso pessoal coerente, o Papa Francisco (Francisco, 2015c), dirigindo-se aos cristãos de Manila, afirma que também as comunidades cristãs são chamadas “a criarem «círculos de integridade», redes de solidariedade, que possam impelir a abraçar e a transformar a sociedade, com o seu testemunho profético.”

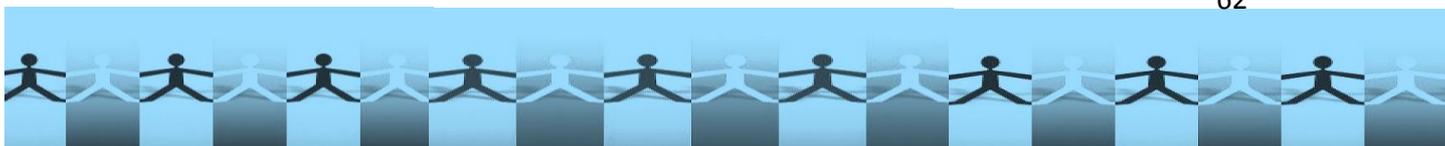


Quais os Compromissos a assumir, para ser uma pessoa honesta?

- ❖ Elogiar as pessoas honestas
- ❖ Fazer com responsabilidade as tarefas que me são confiadas
- ❖ Ser honesto com as pessoas e com os recursos
- ❖ Rejeitar o *bullying*
- ❖ Esperar a minha vez, na fila
- ❖ Valorizar o Gabinete de combate à corrupção
- ❖ Devolver ao dono algo pedido emprestado
- ❖ Pagar a dívida



Os grandes pacificadores
são pessoas de grande integridade
e honestidade, mas, também,
de humildade.
(Nelson Mandela)



A Justiça



INTRODUÇÃO

Quando ouvimos falar de justiça, pensamos logo numa sociedade que tem instituições promotoras de justiça.

Mas a promoção da justiça não está apenas a cargo do Estado. É tarefa de todas as pessoas inseridas na sociedade, que obedecem às normas sociais e às leis, e que são honestas e bondosas.

A justiça envolve responsabilidade pessoal e colectiva. E inculca a harmonia dentro da sociedade, através de boas práticas morais, tais como: não matar, não roubar, não se apoderar das coisas alheias.

Onde reina a justiça, existe maior abertura, para haver bem-estar na sociedade, acordo entre os membros, ajuda mútua e solidariedade. Ou seja, são salvaguardados os princípios humanitários.

A justiça é um tesouro a conservar, visto que garante a liberdade das pessoas, e a sua propriedade, e aquilo que pertence a cada um; e transmite um sentimento de equidade, que leva a dar a cada um aquilo que lhe é devido ou merecido.

Necessitamos de fomentar a consciência da justiça e de combater as variadas formas de injustiça, que ocorrem no mundo, por falta de princípios morais e de equidade, por ganância ou interesses económicos ou políticos.



OBJECTIVO

Despertar a necessidade de ser justo, na nossa sociedade no nosso dia-dia.

O QUE SE ENTENDE, COM O TERMO JUSTIÇA

A palavra **justiça**, etimologicamente, vem da latina **Justitia**.

É um princípio básico, que mantém necessariamente a ordem social. Tem como pontos de referência a preservação dos direitos e a sua forma legal de preservação. Centra-se no reconhecimento de mecanismos automáticos e de relações sociais.

A **justiça**, em alguns dicionários, é entendida como prática de boas maneiras, no relacionamento, dentro da sociedade, para que se possa garantir o desenvolvimento saudável da mesma.



As pessoas, que aplicam a justiça, são verdadeiras e correctas, e têm uma interacção social, em que a base da convivência está no equilíbrio, partindo do pressuposto da igualdade.

A justiça é, frequentemente, associada com a imagem da balança.

Na sociedade, existem dois tipos de desigualdade: a natural e a artificial. A desigualdade natural é a diferenciação do género, ou da estrutura física, ou da etnia de origem de cada um.

A desigualdade artificial refere-se ao poder, quer económico, quer político, quer religioso.

Desta feita, como estabelecer a justiça igualitária?

O FACTO DA VIDA

Nos últimos anos, temos verificado a prática frequente do linchamento. Ou seja, a de punir alguém de conduta duvidosa, recorrendo a instrumentos que possam causar-lhe a morte. Esta forma desumana tem sido encarada como justiça, pelo facto de as instituições governamentais, alegadamente, não fazerem nada com os criminosos. Daí que as pessoas fiquem revoltadas e optem por uma justiça feita pelas próprias mãos. Todavia, esta prática deixa de salvaguardar o direito fundamental à vida. Passa a fomentar uma sociedade de injustiça e fere o princípio da tolerância e do respeito à vida.

Portanto, esta prática não se pode admitir, pois ninguém tem o direito de tirar a vida a ninguém, porque a vida é sagrada.

Outra forma de injustiça é a discriminação, devida à condição social, à raça, à cor da pele, ao sexo, à pertença religiosa ou política.

Estes aspectos impõem a necessidade da existência da justiça. Independentemente da condição do outro, que tem que ser olhado como semelhante, da mesma natureza humana, e com a mesma dignidade.

A realidade da injustiça, que se vive no nosso seio, pode ser compreendida, através da história de Pedro, que soube transformá-la positivamente.

Pedro vivia numa pequena aldeia, e pertencia a uma família rica. Mas, após o falecimento do seu pai, a família paterna decidiu arrancar ao Pedro todos os bens. E Pedro tornou-se assim uma criança muito pobre, até ao ponto de deixar de ir à escola, por falta de condições. Mas Pedro conseguiu superar-se, estudar e encontrar um emprego. Não obstante a



injustiça sofrida, naquela altura o jovem decidiu retomar os laços familiares, e tomou conta dos membros da família paterna.



1. O que acha da atitude da família do pai de Pedro?
2. O que é que terá movido Pedro a superar a injustiça sofrida?
3. Como reagiria, se estivesse no lugar de Pedro?
4. Como pode ajudar a sua comunidade a ser mais justa?

A JUSTIÇA, NA BÍBLIA

A Bíblia apresenta Deus como justo. É o Deus de ternura, que cuida do seu povo e o liberta da opressão.

Através dos profetas, Deus faz chegar a sua mensagem de vida, que pede justiça, nas relações sociais.

O profeta Isaías, entre outros, descreve a pessoa justa como “Aquele que anda na justiça e fala a verdade, que recusa benefícios extorquidos pela violência, cuja mão rejeita o suborno, que fecha os ouvidos a propostas assassinas, e fecha os olhos, para não ver o mal.” (Is 33, 15).

A justiça é vista como a prática do bem, da honestidade e da integridade. Não deixa espaço a qualquer acção que prejudique outrem. Mas fomenta a atitude, que evite o mal, com firmeza.

Numa outra passagem, o mesmo profeta fala da justiça, que Deus aprecia:



libertar os que foram presos injustamente, livrá-los do jugo, que levam às costas, pôr em liberdade os oprimidos, quebrar toda a espécie de opressão, repartir o teu pão com os esfomeados, dar abrigo aos infelizes sem casa, atender e vestir os nus e não desprezar o teu irmão. (...). Se retirares da tua vida toda a opressão, o gesto ameaçador e o falar ofensivo, se repartires o teu pão com o faminto e matares a fome ao pobre.” (Is 58, 6-7. 9-10).

Prestar atenção às pessoas pobres, oprimidas e marginadas é acção a pôr em prática. Está virada para o estabelecimento de uma justiça universal e globalizada.

Nesta mesma linha, Jesus, logo ao início do seu ministério público, apresenta a sua missão de anunciar aos pobres uma mensagem de alegria, proclamar a libertação aos prisioneiros e a vista aos cegos,



devolver a liberdade aos oprimidos e pregar um ano de graça do Senhor (cf. Lc 4, 18-19).

A missão de Jesus é também a missão das pessoas cristãs, que não só anunciam o Evangelho, mas também o praticam. E denunciam tudo aquilo que impeça as pessoas de viverem com dignidade, porque “têm fome e sede de justiça” (Mt 5, 6); têm fome e sede de relações justas com Deus, consigo mesmas, com os seus irmãos e irmãs, e com a criação inteira.

Perante as tragédias, violências e destruições, que afectam a humanidade, não podemos ficar indiferentes.

A JUSTIÇA, NA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

O Magistério da Igreja Católica reconhece a justiça como um dos valores fundamentais da vida social. Impulsiona a todos a tomarem seriamente a peito a sorte da humanidade, e a oferecerem o próprio contributo para a construção de uma sociedade mais justa. Evoca o amor cristão, que leva a uma operosidade concreta e activa, em favor das pessoas mais pobres, ao compromisso de elaborar projectos, em campo cultural e social, e a denunciar as injustiças.

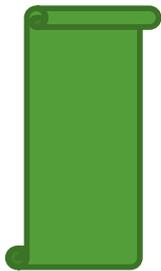
Além de insistir no respeito das formas clássicas da justiça (comutativa, distributiva e legal), o Magistério releva a importância da justiça social “conexa com a questão social, que hoje se manifesta em uma dimensão mundial, diz respeito aos aspectos sociais, políticos e económicos e, sobretudo, à dimensão estrutural dos problemas e das respectivas soluções” (CDSI, nº 201).

Há necessidade de uma consciência moral, que oriente o caminho comum da humanidade, que “compreende, cada vez mais claramente, estar ligada por um único destino, que requer uma comum assunção de responsabilidades, inspirada em um humanismo integral e solidário” (CDSI, nº 6).

Bento XVI (2011a) evidencia a importância de educar os jovens para a justiça, com vista a garantir o seu engajamento social:

No nosso mundo, onde o valor da pessoa, da sua dignidade e dos seus direitos, apesar das proclamações de intentos, está seriamente





ameaçado pela tendência generalizada de recorrer exclusivamente aos critérios da utilidade, do lucro e do ter, é importante não separar, das suas raízes transcendentais, o conceito de justiça. De facto, a justiça não é uma simples convenção humana, pois o que é justo determina-se originariamente, não pela lei positiva, mas pela identidade profunda do ser humano. É a visão integral do homem que impede de cair numa concepção contratualista da justiça e permite abrir também para ela o horizonte da solidariedade e do amor (nº 4).

A Conferencia Episcopal de Moçambique (CEM, 2012), na sua Nota pastoral “Construir a democracia, para preservar a paz”, alerta que a ganância “é a raiz da injustiça e de outros males e crimes” (nº 22). Com a ganância, “caem os valores da vida, da fraternidade, da solidariedade, da hospitalidade (...); a ganância constringe as pessoas a entrar inexoravelmente na lógica da instrumentalização, da coisificação e da comercialização de tudo, até das realidades mais nobres e sagradas.” (nº 21).

Dom Jaime Pedro Gonçalves (Gonçalves, 2014), saudoso arcebispo da Beira, no seu livro “A Paz dos Moçambicanos”, enfatiza que “A justiça nos faz respeitar e levar em muita conta os outros e o que é dos outros (...) leva a todos a contribuírem para o Bem Comum, consolidando assim a paz. As injustiças geram indignação e revoltas.” (p. 143).

CONCLUSÃO

Não podemos falar de uma sociedade desenvolvida, e muito menos harmoniosa, onde não se possa falar da justiça.

A justiça não significa só o poder recorrer a instituições de justiça, como a meios coercivos. Até pelo contrário, significa aplicar a consciência moral e sensibilizar-se para instalar a tolerância, a concórdia e a harmonia, com vista a tornar as pessoas livres e comprometidas com o desenvolvimento social.

Os princípios éticos tornam-se caminho, para o alcance da justiça, no mundo.

Para que a justiça seja desfrutada, é preciso que haja concórdia dos intervenientes sociais.





Quais os Compromissos a assumir, para ser uma pessoa justa?

- ❖ Tratar todas as pessoas como iguais
- ❖ Optar por relações baseadas no respeito mais do que no medo
- ❖ Evitar desperdiçar alimento e outros bens
- ❖ Evitar julgar as pessoas pela aparência



A injustiça em qualquer lugar
é uma ameaça à justiça
em todo o lugar.
(Martin Luther King Jr.)





A Paz



INTRODUÇÃO

A paz, quer ao nível familiar, quer ao nível social, nacional ou mesmo internacional, tem sido assunto de uma abordagem cada vez mais extensiva, visando estabelecer uma convivência social, que parece deteriorar-se inexoravelmente.

As pessoas têm o potencial para alcançarem o entendimento, mas tal entendimento tem que ser acompanhado pela busca contínua de estratégias, que nos levem a percorrer caminhos de paz, que implicam a justiça, a preservação do bem comum e o bem-estar social.

A vida em sociedade suscita a competição, a supremacia e a ganância, e conduz ao conflito, que, se não for bem gerido, gera uma espiral negativa.

Saber lidar com os conflitos e superá-los, através do diálogo, é a única forma de ultrapassar os nossos diferendos. Devemos aprender a ser pacificadores, a resolver os problemas pacificamente e a transformá-los em elo de entendimento. Assim é que nós aprendemos o que é bom fazermos pelos outros e o que devemos evitar.

Numa sociedade com princípios orientados para a paz, os acordos tornam-se mais importantes do que o próprio conflito e podem prevenir a ameaça de uma guerra futura.

As instituições devem preocupar-se com a formação de pessoas, que busquem o bem-estar social e estejam comprometidas com a justiça.

É necessário dizer *não* aos que advogam que querem a paz, mas depois se preparam para a guerra, e dizer *sim* aos que querem a paz, e coerentemente se preocupam com a justiça, já que a justiça poderá decidir o modo pelo qual pretendemos estabelecer a concórdia.



OBJECTIVO

Despertar o desejo ardente de promover e preservar a paz, na sociedade, no nosso dia-a-dia.

O QUE SE ENTENDE, COM O TERMO PAZ

Paz, segundo o dicionário *online* Infopedia é: (a) ausência de guerra; (b) fim de uma situação de conflito armado; (c) relação de concórdia ou harmonia entre pessoas ou grupos; (d) tranquilidade, serenidade e (e) ausência de ruído ou agitação, em certo lugar ou momento.



Entre vários tipos de paz, destaca-se a paz de espírito e interior. Depois também pode haver uma paz podre, que resulta mais da inércia do que da harmonia e do esforço para fazer a paz, ou seja, reconciliar-se com alguém, com quem se mantinha um conflito, ou aceitar factos ou situações, que não se conseguem mudar.

A paz não supõe apenas o calar das armas, mas consiste, antes de mais, em alcançar a tranquilidade interior mais elevada, que se traduza na criação de contextos educativos de paz e concórdia, que permitam envolver a todos na participação dos processos de tomada de decisão.

A paz torna-se uma incansável busca de entendimento, entre as pessoas, que vivem numa determinada comunidade. É o reconhecimento do valor da relação pessoal - que se joga entre mim e ti - onde o outro é considerado, na sua identidade, e diversidade e necessidades.

Deste modo, a paz é também fruto da vitória sobre a injustiça no mundo. Há necessidade de educarmos para a paz e de encontrarmos estratégias colectivas, que levem ao alcance deste tesouro precioso. Além de constituir um grande desafio, que nos leva a viver em tranquilidade e felicidade.

O FACTO DA VIDA

Há pessoas e organizações verdadeiramente comprometidas com a paz e a justiça. Essas acendem uma luz, naquela noite escura da violência, que parece não ter aurora. E oferecem esperança. Como os vencedores Africanos do Nobel da Paz, entre os quais Nelson Mandela e Wangari Maathai. Incentivam, incansavelmente, ao diálogo, à reconciliação, à democracia, à justiça, à salvaguarda do bem comum e à preservação do meio ambiente, que são alguns dos pilares fundamentais, que permitem construir a convivência pacífica e criar estabilidade social e política.

Estamos, porém, ainda rodeados de violência, que se exerce de maneiras diferentes e a variados níveis: o familiar, o social, o nacional e o internacional.

Qualquer forma de violência provoca enormes sofrimentos, de que estamos bem cientes, quer local, quer globalmente. A violência, dentro das paredes domésticas e nas ruas; as vítimas do tráfico humano; os abusos sofridos pelas pessoas mais frágeis; o fenómeno epocal dos migrantes e refugiados; o terrorismo que, além de tantos mortos, provoca medo e insegurança; a criminalidade e os ataques armados imprevisíveis; as guerras, em diversos países e continentes, que acarreta



tantas mortes e destruição; e a devastação ambiental, com consequentes doenças e mudança climática, entre outros.

A educação para a paz torna-se, portanto, um dos limiares importantes para a sociedade em geral, de modo que as pessoas e os povos aprendam a conviver juntos, nas variadas diferenças e riquezas, que compõem a humanidade.

Ser muro ou ser ponte?

Dois irmãos gostavam muito um do outro, e viviam em harmonia. Cultivavam e recolham, em conjunto, na quinta, e tinham tudo em comum, até ao dia, em que um conflito estalou entre eles.

Tudo começou por um infeliz mal-entendido entre eles. Pouco a pouco, o fosso foi-se cavando, até ao dia, em que houve entre os dois uma forte discussão. Depois, foi um silêncio doloroso, que durou várias semanas.

Um dia, alguém bateu à porta do mais velho. Vinha aflito e procurava trabalho. “Tenho trabalho para si - respondeu-lhe -. Do outro lado do riacho, vive o meu irmão mais novo, que me ofendeu, e as nossas relações ficaram cortadas. Agora, vou mostrar-lhe que eu também me posso vingar. Quero que você construa um muro, porque não o quero ver mais”. O pedreiro replicou: “Creio que compreendi a situação”. E o irmão mais velho ajudou-o a reunir todo o material necessário e acompanhou-o, na viagem, e deixou-o lá a trabalhar.

Mas quando lá voltou, ficou surpreendido com o trabalho do pedreiro, e sentiu-se fortemente abalado. Em lugar de um muro encontrou uma magnífica ponte. O irmão mais novo saiu de sua casa, e correu para o seu irmão, exclamando: “Tu és mesmo formidável! Construir uma ponte, depois do que eu te fiz!”

Enquanto os dois irmãos festejavam a sua reconciliação, o pedreiro reuniu os seus instrumentos de trabalho.

“Não, fique! - Disseram eles – Há aqui muito trabalho para si”.

Mas ele respondeu: - “Eu gostaria muito de ficar, mas ainda tenho outras pontes para construir!”





1. Quais são as atitudes, que favorecem a construção da paz?
2. Deixa espaço para o diálogo?
3. Como procura colocar-se no lugar do outro?
4. Está aberto/a para identificar com as outras pessoas os pontos em comum?
5. Tem uma predisposição para a concórdia e o perdão?
6. Em suas redes sociais e partilhas, estimula à paz, ou à violência?
7. O que acha das campanhas para a não-violência (contra violência infantil, contra a mulher, tráfico humano, albinismo...)?
8. Qual foi a sua última atitude, em vista da promoção da paz?

A PAZ, NA BÍBLIA

Os textos bíblicos lembram-nos a necessidade de estabelecer a paz, nas suas várias dimensões: a paz interior, a paz com os outros, a paz com a natureza e com Deus.

Os profetas sublinham que Deus é Deus de paz; que traz harmonia entre as pessoas e os povos, e cuida dos mais pequeninos. Ligam fortemente a paz com a justiça e o reconhecimento da dignidade humana.

Isaías consola o povo oprimido, sonha com uma realidade harmoniosa, onde a criança brinque na cova da serpente e o lobo more com o cordeiro (cf Is 11, 6-8). Além disso, ressalta: “Que formosos são, sobre os montes, os pés do mensageiro, que anuncia a paz” (Is 52, 7).

Jesus deu-nos o exemplo de como criar esta harmonia e amar as pessoas, até mesmo os inimigos. Ensinou-nos a não responder ao mal com o mal, a ser mansos e humildes, a não julgar os outros, e a perdoar. Ofereceu-nos o Sermão da Montanha, como “manual”, em que encontramos algumas estratégias de construção da paz (cf. Mt 5, 3-10). As bem-aventuranças, que ele propôs, traçam o perfil da pessoa, que podemos definir feliz, boa e autêntica: felizes as pessoas mansas, misericordiosas, pacificadoras, puras de coração e que têm fome e sede de justiça.

Apesar da violência que nos rodeia, podemos ser semeadores de paz, assumindo as atitudes que permitem promover a paz e preservá-la. A paz constrói-se, primariamente, no nosso coração. E assim seremos capazes de passá-la aos outros, como fez Jesus: “Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz.” (Jo 14, 27).

Paulo exorta os cristãos de Roma a se transformarem interiormente, visando harmonizar a própria vida com o que é bom e agradável a Deus



(cf. Rm 12, 2); criando, assim, comunidades, onde se afasta a competição, e se opta pela valorização mútua e pela construção de relações fraternas, igualitárias e solidárias.

A PAZ, NA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

A Igreja proclama o Evangelho da paz, e anuncia que Jesus Cristo é a paz em pessoa. Incentiva todas as pessoas baptizadas a serem instrumentos de pacificação e testemunhas credíveis duma vida reconciliada.

O Papa Francisco (2016b), numa sua mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz convida a assumir a não-violência como estilo duma política de paz, e a moldar nela os nossos sentimentos e valores pessoais. “Sejam a caridade e a não-violência a guiar o modo como nos tratamos uns aos outros, nas relações interpessoais, sociais e internacionais.” (nº 1).

A igreja promove a dignidade humana e se compromete a criar uma sociedade justa, onde o entendimento seja o maior valor social. Além disso, empenha-se na construção da paz através da mediação e do diálogo, com a sociedade e os Estados, e está aberta à colaboração com todas as autoridades nacionais e internacionais, para cuidar deste magno bem universal.

A paz funda-se não só no respeito pelos direitos humanos, mas também no respeito pelos direitos dos povos.

O progresso dos povos, diz Paulo VI (1967), funda-se na paz, e a paz “constrói-se, dia a dia, na busca duma ordem querida por Deus, que traz consigo uma justiça mais perfeita entre os homens” (nº 76).

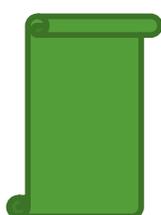
Uma paz que não surja como fruto do desenvolvimento integral de todos, de uma justiça social, não terá futuro e será sempre semente de novos conflitos e de variadas formas de violência.

O caminho do diálogo faz parte da evangelização. A Igreja identifica três campos de presença que lhe permitem cumprir um serviço em prol do pleno desenvolvimento do ser humano e procurar o bem comum: “o diálogo com os Estados, o diálogo com a sociedade – que inclui o diálogo com as culturas e as ciências – e o diálogo com os outros crentes, que não fazem parte da Igreja Católica” (EG, nº 238).

A Conferência Episcopal de Moçambique (CEM, 2013), muito preocupada com a situação de regresso à guerra, no comunicado “Procuremos o que



interessa à paz e à mútua edificação”, apela para que “se reabra o caminho do diálogo”, e reitera:



Apelamos a todos os cidadãos, para que não se deixem arrastar pelo clima de intolerância e violência, que está a crescer no país. Sejam todos defensores deste bem precioso, que é a paz, velando pelo respeito mútuo. Sejam todos construtores de paz, trabalhando por instituições respeitáveis e respeitadas.

Jaime Pedro Gonçalves (2014), que foi Bispo da Beira e mediador nas conversações, que levaram à assinatura do Acordo de Paz de 1992, em Roma, no seu livro “A paz dos Moçambicanos”, sublinha que “a paz é um bem tão precioso e necessário às pessoas e sociedades, que precisa de ser muito acarinhada” (p. 141). Portanto, aponta “as bases da paz”, que permitem consolidá-la, nas diversas comunidades e nos pensamentos, assim resumidas:

- 1) Deus deve estar no centro da nossa paz.
- 2) A paz tem de basear-se na verdade.
- 3) As pessoas devem querer-se bem umas às outras, para criar uma vivência pacífica.
- 4) A paz exige que partilhemos a vida e do que é nosso.
- 5) Devemos ser livres, para construir a paz.
- 6) Não há paz, se não se pratica a justiça.
- 7) Para a paz e bem comum, o diálogo democrático deve estar institucionalizado.
- 8) As famílias eduquem os seus filhos para a paz.
- 9) A sociedade moçambicana apresse-se a construir e a viver a beleza e riqueza da civilização do amor e da vida.
- 10) Ou os Moçambicanos acabam com a guerra, ou a guerra acabará com os Moçambicanos.

CONCLUSÃO

A paz, nada mais, nada menos, é estar bem consigo mesmo e com os outros.

Necessitamos de salvaguardar este “pedaço de céu”, no nosso coração, de construir relações sociais positivas, harmoniosas, de diálogo, desde as mais simples e familiares, até às mais complexas e internacionais.

Por isso, há necessidade de moldar os nossos sentimentos e comportamentos, com vista a privilegiar o diálogo, o entendimento e a



valorização da busca do que nos une, mais do que nos separa. Compreendemos, assim, que a paz não é apenas ausência de guerra, mas sim ausência de todas as hostilidades, rivalidades, vinganças e violências, deixando cada vez mais espaço à aproximação, positividade, acolhimento e ternura. Isto nos faz crescer e desenvolver, como pessoas e como povos, que pertencem à mesma natureza, e habitam a mesma “casa comum”.



Quais os Compromissos a assumir, para ser uma pessoa pacífica e pacificadora?

Vamos conhecer os seis princípios do Manifesto sobre a Cultura da Paz, publicado pela ONU (UNESCO, 2000) no ano de 2000, e assim participar nas acções transformadoras, para a construção da Paz. Segue-se o texto:

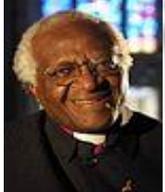
Reconhecendo a minha cota de responsabilidade para com o futuro da humanidade, especialmente para com as crianças de hoje e as das gerações futuras, eu me comprometo - em minha vida diária, na minha família, no meu trabalho, na minha comunidade, no meu país e na minha região - a:

1. Respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminação ou preconceito;
2. Praticar a não-violência activa, rejeitando a violência sob todas as suas formas: física, sexual, psicológica, económica e social, em particular contra os grupos mais desprovidos e vulneráveis, como as crianças e os adolescentes;
3. Compartilhar o meu tempo e os meus recursos materiais, num espírito de generosidade, visando o fim da exclusão, da injustiça e da opressão política e económica;
4. Defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, dando sempre preferência ao diálogo e à escuta do que ao fanatismo, à difamação e à rejeição do outro;
5. Promover um comportamento de consumo, que seja responsável, e práticas de desenvolvimento, que respeitem todas as formas de vida e preservem o equilíbrio da natureza, no planeta;
6. Contribuir para o desenvolvimento da minha comunidade, com a ampla participação da mulher, e o respeito pelos princípios democráticos, de modo a construir novas formas de solidariedade.



PERSONALIDADES AFRICANAS, QUE RECEBERAM O PRÉMIO NOBEL DA PAZ

Desde a criação do Prémio Nobel da Paz, em 1901, na Suécia, algumas personalidades Africanas - dez individualidades, e um grupo de quatro organizações - já receberam este título honorífico. De acordo com a vontade do sueco Alfred Nobel, o prémio deveria distinguir "a pessoa que tivesse feito a maior ou melhor acção pela fraternidade entre as nações, pela abolição e redução dos esforços de guerra e pela manutenção e promoção de tratados de paz" (Nobelprize.org, sd).

Foto	Laureado	País	Ano	Frase em destaque
	<u>Albert John Luthuli</u> Líder religioso e activista anti apartheid	África do Sul	1960	A nossa causa é a causa da igualdade entre as nações e os povos. Só assim, a fraternidade humana pode ser firmemente estabelecida.
	<u>Anwar El Sadat</u> Presidente da nação	Egipto	1978	A paz é mais importante que qualquer porção de terra.
	<u>Desmond Tutu</u> Arcebispo da Igreja Anglicana	África do Sul	1984	Sem perdão, não há futuro para o relacionamento entre indivíduos, nem entre nações.
	<u>Nelson Mandela</u> Primeiro Presidente negro	África do Sul	1993	Ninguém nasce odiando outra pessoa, pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião... se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar.
	<u>Frederik Willem de Klerk</u> Último Presidente branco	África do Sul	1993	A paz não progride bem, onde há pobreza e privação. Não floresce, onde há ignorância e falta de educação e informação.



	<u>Kofi Annan</u> Diplomata e Secretário-geral da ONU	Gana	2001	A educação é um direito humano, com imenso poder de transformar. Em sua fundação, descansam os pilares da liberdade, da democracia e do desenvolvimento humano sustentável.
	<u>Wangari Maathai</u> Activista política do meio ambiente	Quênia	2004	O meio ambiente é muito importante para a paz, porque, quando os nossos recursos se tornarem escassos, entraremos em guerra.
	<u>Mohamed El Baradei</u> Director-geral da Agência Internacional de Energia Atômica	Egipto	2005	Não lemos as intenções, olhamos para os factos. Como demonstrado pela experiência do Iraque, não temos que levantar nuvens de poeira.
	<u>Ellen Johnson Sirleaf</u> Defensora da democracia	Libéria	2011	O tamanho dos seus sonhos sempre deve exceder a sua capacidade atual para alcançá-los. Se seus sonhos não o assustam, eles não são grandes o suficiente.
	<u>Leymah Gbowee</u> Activista da paz e direitos humanos	Libéria	2011	Padecemos de um mal... o individualismo... Se nos envolvermos, como a minha mãe e a minha avó se envolviam nos assuntos da comunidade, o mundo será um lugar melhor.
	<u>Quarteto do Diálogo Nacional</u> Promotores de diálogo	Tunísia	2015	Hoje, há urgência do diálogo entre as civilizações e uma coexistência pacífica no contexto de diversidade e variedade.

**Não usemos bombas nem armas
para conquistar o mundo.
Usemos o amor e a compaixão.
A paz começa com um sorriso.
(Teresa de Calcutá, Nobel da Paz)**



As dinâmicas abaixo têm como objetivos:

- Facilitar a reflexão para a promoção da JUSTIÇA e PAZ;
- Favorecer a relação interpessoal;
- Proporcionar um espaço harmônico e seguro.



Dinâmica: Aprender o nome

Objectivo: conhecer-se mutuamente.

Material: não é necessário.

Procedimento:

1. Solicitar que o grupo, de pé, forme um grande círculo.
2. Convidar cada pessoa a dar um passo à frente, dizer seu nome, acompanhado de um gesto com as mãos ou com todo o corpo. O grupo deve repetir o nome e fazer o mesmo gesto.
3. Prosseguir: a pessoa à direita do animador diz seu nome e cria um novo gesto. O grupo repete o nome e o gesto, e assim sucessivamente até todos se apresentarem.

Dinâmica: Salada de frutas

Objectivo: conhecer-se mutuamente.

Material: não é necessário.

Procedimento:

1. Formar um círculo e explicar que por um tempo vamos ser uma “salada de frutas”.
2. A pessoa encarregada de coordenar o jogo fica no centro da roda e propõe que quando apontar alguém e disser “banana”, o participante deve dizer seu nome, quando disser “papaia”, deve dizer o nome do participante de sua direita e quando disser “laranja” o nome da pessoa da esquerda. Quando disser “salada de frutas”, a roda deve ser bagunçada e cada integrante tem que se pôr em outro lugar da roda, ficando ao lado de diferentes pessoas.
3. Assim a pessoa encarregada percorre a roda dizendo as frutas e as pessoas têm que responder corretamente, do contrário passam ao centro da roda e ficam para seguir dirigindo o jogo, enquanto o que antes dirigia ocupa seu lugar na roda.

Dinâmica: Cumprimento criativo

Objectivo: criar um ambiente alegre e saudável.

Material: musica animada.

Procedimento:

1. Explicar ao grupo que (a) quando a música tocar todos devem se movimentar pela sala de acordo com o ritmo da mesma; (b) a cada pausa musical congelar o movimento, prestando atenção à solicitação que será feita; (c) pedir formas variadas de cumprimento corporal a



cada pausa musical, (exemplo: com as palmas das mãos; com os cotovelos; com os pés; etc.)

2. Recomeçar a música e fazer vários tipos de cumprimento.
3. Diminuir a música pausadamente, ao perceber que se estabelece no grupo um clima alegre e descontraído.
4. Pedir a cada pessoa que procure um lugar na sala para estar de pé, olhos fechados, esperando que a respiração volte ao normal.
5. Abrir os olhos, olhar os companheiros, formar um círculo, sentar.

Dinâmica: Abraços musicais cooperativos

Objectivo: favorecer o sentimento de pertença e inclusão.

Material: musica animada.

Procedimento:

1. Explicar ao grupo o seguinte: (a) quando a música tocar todos devem começar a dançar; (b) quando a música parar, cada pessoa abraça a outra; (c) na seguinte vez que a música parar, se abraçam três pessoas. O abraço vai ficando cada vez maior até chegar a um grande abraço final.
2. Tocar a música, parar a música e continuar a aumentar os abraços até chegar ao abraço final.
3. Pedir a cada pessoa que procure um lugar na sala para estar de pé, olhos fechados, esperando que a respiração volte ao normal.
4. Abrir os olhos, olhar os companheiros, formar um círculo, sentar.
5. Convidar cada participante a expressar como se sente e como viveu a dinâmica.

Dinâmica: O parque zoológico

Objectivo: favorecer a sensibilidade e a escuta, criando cooperação.

Material: papel com os nomes de animais (dois por pares).

Procedimento:

1. Dar a cada participante um papel com um nome de um animal escrito nele.
2. Explicar que cada um deve encontrar o seu par, utilizando como único meio a emissão de um som e os movimentos do seu animal.
3. Continuar até chegar a encontrar todos os próprios pares.
4. Convidar cada participante a expressar como se sente e como viveu a dinâmica.



Dinâmica: A caixa mágica

Objectivo: estimular a imaginação e a capacidade gestual.

Material: não é necessário.

Procedimento:

1. Convidar as pessoas a ficar ajoelhadas e colocar o rosto entre as pernas.
2. O animador diz: "se abre a caixa e dela sai..." (por exemplo: arvores). Cada participante imita o objecto mencionado e faz o gesto e som correspondentes.
3. Quando se diz: "fecha a caixa", todos voltam à posição inicial. A caixa abre de novo e saem outros objetos: cachorro, borboletas, etc.
4. Convidar cada participante a expressar como viveu a dinâmica.

Dinâmica: Respeito-me a mim, respeito-te a ti

Objectivo: perceber a importância do respeito mútuo.

Material: papel e canetas.

Procedimento:

1. Instruir com antecedência duas pessoas do grupo para dramatizar uma cena de falta de respeito.
2. Apaziguar a situação e lançar uma chuva de ideias em torno de atitudes e valores no trato ao próximo.
3. Escrever uma sensação vivenciada durante a encenação e uma atitude de como tratar o próximo (cada membro do grupo).
4. Partilhar o que foi escrito acerca do respeito.

Dinâmica: As diferenças são riquezas

Objectivo: compreender que somos diferentes e que devemos respeitar os outros.

Material: papel e canetas.

Procedimento:

1. Distribuir papel e caneta por cada participante.
2. Pedir que cada membro desenhe um corpo humano sem tirar a caneta do papel.
3. Após um sinal, dar as seguintes instruções: desenhar um rosto com olhos e nariz; uma boca cheia de dentes; um pescoço e um tronco.
4. Pedir que parem de desenhar e mostrem o próprio desenho.
4. Reflectir sobre os desenhos diferentes uns dos outros.



Dinâmica: O feitiço virou contra o feiticeiro

Objectivo: tratar os outros a mesma maneira que quer que tratem a você.

Material: papel e canetas.

Procedimento:

1. Distribuir papel e caneta por cada participante e convidar a escrever uma acção qualquer que o vizinho sentado a esquerda deve fazer (pode ser algo engraçado, por ex.: A Maria deve pular como um macaco. Assinado, Lenia).
2. Recolher todos os papéis. Explicar que a regra da brincadeira ficou alterada: o que cada um escreveu no papel será por si realizado.
3. Reflectir sobre a experiencia: exprimir os sentimentos. Se tivesse sabido o que mudaria? Qual é a lição aprendida?

Dinâmica: A pertença

Objectivo: evidenciar características de um grupo e elaborar regras que norteiam a convivência.

Material: papel, canetas, lápis de cor, tesourinhas.

Procedimento:

1. Distribuir papel e caneta por cada participante. Convidar a desenhar, em tamanho grande, a primeira letra do seu nome, pinta-la com uma cor a gosto e recorta-la.
2. Colocar todas as letras no chão ou na mesa.
3. Misturar as letras e pedir aos membros que as organizem de maneira que ganhem forma que possa representar o que eles desejam que o grupo seja.
4. Discutir a experiência vivida, os sentimentos que foram ali partilhados, as principais características que o grupo priorizou e quais as regras a estabelecer.

Dinâmica: A escada

Objectivo: identificar valores de vida e refletir sobre os mesmos.

Material: papel, canetas, giz.

Procedimento:

1. Solicitar os membros que caminhem pela sala e pensem sobre o que é mais importante na sua vida.
2. Pedir a cada um de escrever na folha dividida em 3 partes, no sentido do comprimento, três valores da vida.



3. Enquanto isso, marcar o chão da sala com giz, 3 degraus de uma escada.
4. Pedir que cada membro coloque cada tira escrita em cada degrau, em ordem decrescente de importância para ele.
5. O grupo reflete sobre os valores que aparecem mais e que tipo de valores são.

Dinâmica: Mexer comigo

Objectivo: despertar para a cidadania.

Material: papel, caneta, cesto.

Procedimento:

1. Distribuir papel e caneta por cada participante.
2. Pedir que cada membro escreva 2 responsabilidades que no seu entender o seu colega ao lado direito tem no seu bairro, na sua instituição ou na igreja.
3. Dobrar os rabiscos, coloca-los num cesto, embaralhá-los e redistribuí-los a todos.
4. Ler em voz alta as responsabilidades que constam no rabisco, procurando a pessoa que, no entender do leitor, tem tais responsabilidades e porque a caracterizam.
5. No final, cada qual dirá em público de quem escreveu, ou seja, quem é a pessoa a sua direita

Dinâmica: Cada coisa no seu lugar

Objectivo: Responsabilidade ecológica, a gestão de resíduos sólidos.

Material: papel, lápis, figura com lixo (ver a imagem).

Procedimento:

1. Descrever a imagem.
2. Dividir os participantes em grupos de 6/7 elementos.
3. Criar um modelo de gestão dos resíduos sólidos e resumi-lo em 4 palavras-chave escritas em cartolinas.
4. Apresentar as palavras-chave por parte de cada grupo.
5. Colocá-las em forma de árvore, sintetizar e tirar as conclusões.



Dinâmica: Auxílio mútuo

Objectivo: Perceber a importância do outro.

Material: chupa-chupa para cada participante.

Procedimento:

1. Colocar-se todos em círculo, de pé.
2. Dar um chupa-chupa para cada participante e solicitar que o desembrulhem.
3. Depois dar os seguintes comandos:
 - segurar o chupa-chupa com a mão direita, com o braço estendido.
 - o braço não pode ser dobrado, apenas levado para a direita ou esquerda.
 - a mão esquerda fica livre, para trás e não poderá ser usada.
 - sem sair do lugar em que estão, mão esquerda atrás, direita segurando o chupa-chupa e esticado sem poder dobrá-lo, todos devem chupar o chupa-chupa!
4. Aguardar até que alguém tenha a iniciativa de imaginar como executar esta tarefa, que só há uma: oferecer o chupa-chupa para a pessoa ao lado! Assim, automaticamente, os demais irão oferecer e todos poderão chupar o chupa-chupa.
5. Encerrar a dinâmica e reflectir sobre ela (sentimentos, emoções, alternativas...).

Dinâmica: Mentira tem perna curta

Objectivo: Aprender o valor da honestidade.

Material: a história do casal de namorados.

Procedimento:

1. Convidar alguém a ler a história (um rapaz deseja agradar sua namorada com um presente, tentando enganá-la, mas sua desonestidade é descoberta).

Um casal de namorados estava a passear numa rua comercial. A jovem, olhando a vitrina de uma loja, ficou encantada com um lindo vaso. Seu namorado foi indagar o preço daquele objecto, mas a peça era fora de seu orçamento.

Porém, ao correr os olhos pela loja, notou que havia um vaso igualzinho, mas quebrado. Foi quando teve uma ideia. Após deixar a namorada em casa, voltou à loja e pediu ao dono que embrulhasse aquele vaso quebrado. Deu-lhe uma retribuição qualquer e levou o vaso todo embrulhado. Sua ideia era tornar a namorada feliz e, quando chegasse à casa dela, iria simular um tombo e dizer que o vaso se havia partido naquele momento.



E fez tudo conforme planejado. A namorada acreditou até desembulhar o vaso. O dono da loja havia embrulhado cada pedaço do vaso separadamente e, dessa forma, a jovem descobriu que o vaso não se havia quebrado naquele momento e que o namorado tentou enganá-la. Ficou muito decepcionada (autor desconhecido).

2. Reflectir sobre a história.

3. Reformular a história em pequenos grupos, observando o princípio da honestidade e fazer a encenação.

Dinâmica: Injustiça

Objectivo: Tomar consciência de situações de injustiça.

Material: não é necessário.

Procedimento:

1. Dividir os participantes em grupos de cinco ou seis pessoas.

2. Identificar uma situação concreta de injustiça e criar uma peça teatral de 5 minutos (cada grupo).

3. Reflectir sobre as várias injustiças representadas (as seguintes perguntas podem ajudar: como se sentem as pessoas injustiçadas? Que atitudes assumir para sermos cada vez mais justos?).

Dinâmica: Óptica diferente de conflitos

Objectivo: reflectir sobre os conflitos.

Material: 4 cartazes, canetas aquarelas, massa fixadora.

Procedimento:

1. Escrever as seguintes afirmações (ou outras) nos 4 cartazes

- "Não insultar o crocodilo até ter atravessado o rio." (ditado do Ghana)

- "Quem fala verdade precisa dum cavalo rápido." (ditado da Rússia)

- "A origem de todos os conflitos entre mim e os meus companheiros é que eu não digo o que penso e não faço o que digo." (Martin Buber, 1878-1965).

- "O conflito entre gerações evidencia-se, paradoxalmente, pelo acordo: as crianças não querem falar sobre si e os pais não as querem escutar." (Andrzej Majewski, 1966...).

2. Colocar em cada canto da sala um cartaz.

3. Convidar os participantes a escolher uma das afirmações que toca a própria sensibilidade.

4. Solicitar a deslocar-se para o canto da sala referente à afirmação escolhida.

5. Partilhar entre os membros dos 4 grupos assim formados.

6. Resumir no plenário a partilha dos grupos.



Dinâmica: Paz nos relacionamentos

Objectivo: Refletir sobre a paz nos relacionamentos.

Material: folhas e canetas.

Procedimento:

1. Organizar os participantes em círculo.

2. Fazer gestos, cada vez que na história aparecer as seguintes palavras:

PAZ – Aperto de mão

AMOR – Um abraço

GARRA – Trocar de lugar (ou bater bem forte os pés no chão)

SORRISO – Gargalhada

BEM-VINDOS – Bater palmas

3. Ler a história “O jovem chamado Amor” e fazer os gestos.

Era uma vez um jovem chamado AMOR. AMOR sonhava sempre com a PAZ. Certo dia, descobriu que a vida só tinha sentido quando ele descobrisse a PAZ, e foi justamente nesse dia que o AMOR saiu a procura da PAZ. Chegou ao lugar onde estudava, encontrou os seus amigos que tinham um SORRISO nos lábios, e foi nesse momento que o AMOR começou a perceber que o SORRISO dos amigos transmitia a PAZ, pois sentiu que a PAZ existe no interior de cada um de nós, basta saber dar um SORRISO. Então começou a trazer a PAZ, o SORRISO e a GARRA nos ambientes que frequentava. Dê um SORRISO bem bonito e sejam todos BEM-VINDOS.

4. Depois, perguntar: “Onde o jovem chamado AMOR encontrou a PAZ?”, e reflectir sobre a importância de assumir boas atitudes.

5. Distribuir folhas e canetas e pedir para que cada participante faça o contorno de uma de suas mãos na folha e escreva nela uma atitude para promover a paz na família, na escola, no grupo...





Referências Bibliográficas

- Bento XVI (2010). *Mensagem para a XXV Jornada Mundial da Juventude*. Recuperado em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/youth/documents/hf_ben-xvi_mes_20100222_youth.html.
- Bento XVI (2011a). *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Africae Munus*. Prior Velho: Paulinas Editora.
- Bento XVI (2011b). *Mensagem para a XLV Jornada Mundial da Juventude*. Recuperado em https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20111208_xlv-world-day-peace.html.
- Bíblia Sagrada Africana (2004). Maputo: Paulinas Editoras.
- Boran, J. (1982). *Juventude, o grande desafio*. São Paulo: Edição Paulinas.
- Catecismo da Igreja Católica (1993). Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- CEM (2013). *Comunicado “Procuremos o que interessa à paz e à mútua edificação” (Rm 14,19)*. Recuperado em http://pt.radiovaticana.va/news/2013/11/08/comunicado_dos_bispos_de_moambique/bra-744744.
- Conselho Permanente da CEM (2011). *Carta Pastoral Repensar a educação em Moçambique*. Maputo: CEM.
- Conselho Permanente da CEM (2012). *Nota Pastoral Construir a democracia para preservar a paz*. Maputo: CEM.
- Delors, J. (2004). *Educação: um tesouro a descobrir* (9ª ed). São Paulo: Editora Cortez.
- Dicionário Houaiss. Recuperado em <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-2/html/index.php>.
- Dicionário Online de Português. Recuperado em <https://www.dicio.com.br/>.
- Francisco (2013a). *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Recuperado em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html.
- Francisco (2013b). *Homília Santa missa imposição do pálio e entrega do anel do pescador para o início do ministério petrino do bispo de Roma*. Recuperado em



http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130319_omelia-inizio-pontificato.html.

Francisco (2015a). *Audiência Geral Quarta-feira, 4 de Março de 2015*. Recuperado em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20150304_udienza-generale.html.

Francisco (2015b). *Audiência Geral Quarta-feira, 18 de Fevereiro de 2015*. Recuperado em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20150218_udienza-generale.html.

Francisco (2015c). *Homilia na catedral da Imaculada Conceição, Manila Sexta-feira, 16 de Janeiro de 2015*. Recuperado em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150116_srilanka-filippine-omelia-cattedrale-manila.html.

Francisco (2016a). *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Lætitia*. Recuperado em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/pa-pa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html.

Francisco (2016b). *Mensagem para a celebração do 50º dia Mundial da Paz*. Recuperado em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20161208_messaggio-l-giornata-mondiale-pace-2017.html.

Francisco (2017). *Discurso comemorativo. Visita ao túmulo do padre Lorenzo Milani, 20 de Junho*. Recuperado em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/june/documents/papa-francesco_20170620_don-lorenzo-milani.html.

Galvan, K. (2013). *Na íntegra, entrevista do Papa Francisco ao Jornal La Repubblica*. Recuperado em <https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francesco/na-integra-entrevista-do-papa-francesco-ao-jornal-la-repubblica/>.

Gonçalves, J. P. (2014). *A paz dos Moçambicanos*. Maputo: CIEDIMA, Lda.

Haring, B. (1961). *A lei de Cristo Teologia Moral*. São Paulo: Editora Herder.

João Paulo II (1990). *Constituição Apostólica Ex Corde Ecclesiae sobre as Universidades Católicas*. Cidade do Vaticano: Editrice Vaticana.



João XXIII (1963). *Carta Encíclica Pacem in terris*. Cidade do Vaticano: Editrice Vaticana.

Ministério da Juventude e Desportos (2012). *Política da juventude*. Recuperado em www.mjd.gov.mz/index.php?option...juventude...id.

Nobelprize.org (sd). Recuperado em https://www.nobelprize.org/nobel_prizes/peace/laureates/.

ONU (1996). *Programa de ação mundial para a juventude até o ano 2000 e além*. Recuperado em http://www.unfpa.org.br/Arquivos/10-A_res_50_81_port.pdf.

Paulo VI (1967). *Carta Encíclica Populorum Progressio*. Recuperado em http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html.

Pontifício Conselho “Justiça e Paz” (2004). *Compendio da Doutrina Social da Igreja*. Estoril: Príncípia Editora.

Sínodo dos Bispos (2017). *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Documento preparatório XV Assembleia Geral Ordinária*. Recuperado em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20170113_documento-preparatorio-xv_po.html.

UNESCO (2000). *Manifesto 2000*. Recuperado em http://www.pucsp.br/ecopolitica/documentos/cultura_da_paz/docs/manifesto_200_UNESCO_cultura_da_paz.pdf.

Universidade Católica de Moçambique (2011). *Plano estratégico da UCM 2012-2016*. Beira: UCM.



